

Juliano Forster Macarthy

THE WIND OF CHANGE:

OS MILLENNIALS E A TRANSFORMAÇÃO DA COMUNIDADE POLÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Mariana Dalalana Corbellini

Santa Cruz do Sul

2020

Take me to the magic of the moment

On a glory night

Where the children of tomorrow dream away

In the wind of change

Wind of Change – Scorpions (1990)

AGRADECIMENTOS

Encerro meu processo de graduação com um sentimento de contentamento pela área de estudo que escolhi, pelos amigos que fiz e o tanto em que esses anos me enriqueceram a nível de conhecimento e experiência. Dedico esse espaço então para expressar minha gratidão a todos que fizeram minha jornada mais rica, seja dentro ou fora da universidade:

À minha orientadora, professora Mariana Dalalana Corbelini, obrigado pela paciência com esse *millennial* protelador e pelo seu olhar técnico e motivação que me guiaram nessa pesquisa desde o princípio.

Aos grandes mestres que tive na UNISC, pelos quais sempre serei grato pelo seu ensino humano e pela sua proximidade com todos nós. Professores: Oscar, Bruno, Mariana, Rosa, Júlio, Rejane e Campis, vocês são brilhantes no que fazem e espero que continuem encontrando felicidade e reciprocidade de seus alunos para contribuírem com muitos mais.

Aos meus pais, meus *baby boomers* favoritos que são exemplos de humildade, persistência e caráter, e a minhas irmãs, por tudo que já atravessamos juntos.

À Antônia, estrelinha que ilumina nossa vida.

Aos meus amigos e colegas por tantos momentos felizes compartilhados.

À Tiana Ortiz e Gabriela Koehler, por todas as aventuras, cascatas, montanhas e *sunsets*, por essas ruas onde as casas não mudam.

Aos *millennials* que me cercam, de onde tiro a certeza de um futuro mais brilhante, e aos nossos pequenos *pluralls*: Antônia, Arthur, Caetano, Lorenzo e Maya, e tantos outros pequenos seres iluminados, pelos quais não podemos nos permitir olhar pro futuro sem esperança.

RESUMO

Andrew Linklater, um dos principais expoentes da Teoria Crítica para as Relações Internacionais, fez um trabalho de teorização sobre as possibilidades de emancipação da comunidade política, buscando em Habermas, Kant e Marx os pressupostos para a elaboração de sua principal obra: *The Transformation of Political Community* (1998). Nela, o autor defende a transformação da sociedade política através da ampliação da comunidade discursiva, a diminuição das desigualdades e o respeito às diferenças. O presente trabalho tem como objetivo observar os avanços em relação as proposições de Linklater para a emancipação da sociedade sob o prisma das gerações, em especial a geração *millennial*. Utiliza-se para tal o estudo geracional de William Strauss e Neil Howe (1997, 2001), e uma ampla pesquisa da *Glocalities* a fim de esclarecer melhor as heterogeneidades dentro de mesmos grupos geracionais e diferenças entre eles. A seguir, a análise se dá em três etapas: I) a relação entre o método dialógico e as redes sociais; II) As *fake news* e os desafios para a comunidade discursiva; III) as expectativas e posicionamentos dos *millennials* no cenário político global. Ao final, retoma-se os conceitos e fatos apresentados para identificar as possibilidades para a emancipação nos termos propostos por Linklater.

Palavras-chave: Andrew Linklater, gerações, *millennials*, ética discursiva, emancipação

ABSTRACT

Andrew Linklater, one of the main exponents of Critical Theory for International Relations, did a work of theorizing about the possibilities of emancipation of the political community, searching in Habermas, Kant and Marx the presuppositions for the elaboration of his main work: *The Transformation of Political Community* (1998). In it, the author defends the transformation of political society through the expansion of the discursive community, the reduction of inequalities and the respect for differences. The present work aims to observe the advances in relation to Linklater's proposals for the emancipation of society from the perspective of generations, especially the millennial generation. The generational study by William Strauss and Neil Howe (1997, 2001), and an extensive survey by Glocalities are used to better clarify the heterogeneities within the same generational groups and differences between them. Next, the analysis takes place in three stages: I) the relationship between the dialogic method and social networks; II) Fake news and challenges for the discursive community; III) Millennials' expectations and positions on the global political scene. At the end, we return to the concepts and facts presented to identify the possibilities for the emancipation in the terms proposed by Linklater.

Keywords: Andrew Linklater, generations, millennials, discursive ethics, emancipation

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Problema de pesquisa.....	9
1.2	Objetivos.....	9
1.2.1	Objetivo Geral	9
1.2.2	Objetivos Específicos.....	10
1.3	Justificativa	10
1.4	Metodologia.....	12
2	GERAÇÕES.....	14
2.1	Conceito	14
2.1.2	Gerações do século XX e XXI.....	16
2.1.3	Participação Global das Gerações	18
2.2	<i>Millennials</i>	19
3	A TEORIA CRÍTICA DE ANDREW LINKLATER	24
3.1	Teoria Crítica.....	25
3.2	A Crítica de Linklater	27
3.3	A transformação da comunidade política	29
4	A COMUNIDADE DIALÓGICA, OS <i>MILLENNIALS</i> E O CENÁRIO POLÍTICO GLOBAL	34
4.1	A internet e o método dialógico	34
4.2	<i>Fake News</i> : desafio para o diálogo	39
4.3	Os <i>millennials</i> e a revolução digital.....	44

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
----------	----------------------------------	-----------

	REFERÊNCIAS	52
--	--------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos. Foi a idade da sabedoria, foi a idade da tolice. Foi a época da fé, foi a época da incredulidade. Foi a estação da luz, foi a estação das trevas. Foi a primavera da esperança, foi o inverno do desespero. Tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós. Todos íamos direto para o céu, íamos todos direto no sentido contrário.
(DICKENS, 1982, p. 11)

Charles Dickens introduzia dessa forma seu clássico “Um Conto de Duas Cidades”, lançado em 1859, e que retrata o momento de incerteza e confusão que pairava na Europa à época da Revolução Francesa. A polaridade simbolizada pelo autor inglês naquele período pode ser aplicada também aos tempos em que vivemos, onde todas as ideias parecem disputar seu espaço, as vozes conservadoras buscam frear o progressismo, e o clamor de liberdade tem cada vez mais desafiado o *status quo*, de tal forma que, dependendo do observador, podemos estar na primavera da esperança ou no inverno do desespero, ou ambos; o que temos diante de nossos olhos muda constantemente e nessa efervescência social sem precedentes conhecidos em nossa era, não podemos afirmar qual cenário pode emergir a partir disto. Porém, ainda que não se possa afirmar, é possível identificar possibilidades a partir dos prismas através dos quais observamos a (Pós-) Modernidade.

Um dos prismas de observação possível é através do estudo geracional. A segmentação social por gerações embora já ocorra desde o início do século XX, ganhou respaldo científico somente a partir dos anos 1990, com o estudo de William Strauss e Neil Howe (1991, 1997). Os autores criaram a teoria geracional Strauss-Howe, retratando a história dos Estados Unidos da América (EUA) e seus antecedentes britânicos desde 1433, e fazendo uma previsão até 2069, descrevendo ciclos históricos em quatro fases (elevação, despertar, declínio e crise), e classificando as gerações em quatro arquétipos (profeta, nômade, herói e artista). Segundo os marcos estipulados pelos teóricos, seis gerações coexistem no planeta hoje: *G.I. Generation* (1901 – 1924), *Silent Generation* (1925 – 1942), *Baby Boom Generation* (1943 – 1960), *Generation X* (1961 – 1981), *Millennial Generation* (1982 – 2002) e *Pluralist Generation* (nascidos a partir de 2002). Dessas, os *baby boomers*, os *Gen Xers* e os *millennials* correspondem a quase totalidade da população econômica e politicamente ativa no planeta hoje (STRAUSS; HOWE, 1991, 1997).

Os *millennials* são a maior geração em número já existente na história. Embora muito heterogêneos entre si, sobretudo em países com cultura e condições socioeconômicas distintas, esses representam uma ruptura ainda maior com o posicionamento das gerações que

os precederam (*Gen Xers e baby boomers*), é o que aponta a pesquisa feita pela *think tank* neerlandesa *Glocalities* (2014). Essa diferença é observável também no posicionamento dessa geração em contraste com as precedentes em eventos políticos recentes, como a eleição presidencial americana (2016, e as prévias democratas de 2020) e francesa (2017), e o referendo sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia (2016).

O posicionamento disruptivo dos *millennials* em comparação com a geração de seus pais e avós apresenta similaridades com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, trazida para as Relações Internacionais por Robert W. Cox e Andrew Linklater. Esse último, fortemente inspirado por Jürgen Habermas e pelos teóricos clássicos Immanuel Kant e Karl Marx, defende em seu livro *The Transformation of Political Community* (1998), a construção de um novo modelo de comunidades políticas, superando o modelo de Estado, e contemplando éticas universalistas e o respeito às diferenças. Linklater argumenta que através da racionalidade e da ética universal, essas novas comunidades são o caminho natural da humanidade, trazendo a perspectiva evolutiva kantiana, e defende o método dialógico (através do diálogo, seguindo a lógica do melhor argumento) como instrumento para superar as diferenças e aproximar a humanidade cada vez mais dessa ética universalista. Entre os fatores que aproximam as características e aspirações da geração *millennial* ao desenvolvimento dessas novas comunidades políticas universalistas podemos citar a sua cidadania global, a fé de que a tecnologia nos leva a um mundo melhor, a maior tolerância e respeito desses para com as diferenças, o multiculturalismo e a ampla conectividade, além da ampla disponibilidade de espaços para o diálogo através das mídias sociais.

1.1 Problema de Pesquisa

De que forma os *millennials* estão contribuindo para a transformação da comunidade política, proposta pelo teórico Andrew Linklater?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Explicar quem são os *millennials*, seus posicionamentos políticos e se há alguma contribuição destes para a transformação da comunidade política, nos termos propostos por Andrew Linklater.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Definir geração, ciclos históricos e de vida e as diferenças geográficas que definem o posicionamento de um grupo em determinada época;
- b) Explicar brevemente as gerações dos séculos XX e XXI, através dos conceitos da Teoria Geracional Strauss-Howe (1991; 1993; 1997; 2000) e avaliar estimativas etárias globais através de dados da Organização das Nações Unidas (ONU), para ter uma melhor noção da participação percentual que cada geração compreende na população global.
- c) Explicar quem são os *millennials* e quais as diferenças entre o posicionamento dessa geração e das que os precederam, bem como entre os próprios *millennials* de regiões e condições socioeconômicas distintas;
- d) Abordar a origem e contribuição da Teoria Crítica e sua contribuição para as Ciências Sociais e Relações Internacionais;
- e) Explicar os principais pontos da Teoria Crítica de Andrew Linklater e sua proposta emancipatória para novos modelos de comunidades políticas;
- f) Analisar a contribuição das redes sociais para a ampliação da comunidade discursiva proposta por Habermas e Linklater.
- g) Relacionar as características, posicionamentos e aspirações da geração *millennial*, com aspectos tecnológicos e sociais da modernidade para assim tentar compreender de que forma esses estão contribuindo para a transformação da comunidade política nos termos propostos por Linklater.

1.3 Justificativa

Falar sobre gerações de forma científica e a nível internacional é um desafio colossal. Há um excesso de informações e estereotipizações não fundamentadas a respeito do assunto, sobretudo no campo da Administração e Publicidade, pretendendo catalogar e compreender algo tão heterogêneo quanto pode ser um escopo de bilhões de pessoas no planeta que nasceram em um mesmo intervalo médio de 20 anos. Por esse motivo, as pesquisas científicas raramente se arriscam a abordar temas sociais sob esse panorama, para evitar cair em generalizações e meias verdades. A ampla gama de materiais que se tem a respeito do tema

parte geralmente do campo da Publicidade e Mídia, que volta seu estudo às preferências e potencial de consumo de cada geração, e da Administração, que procura entender a melhor forma de liderar e motivar gerações com características tão distintas no ambiente de trabalho.

Porém, mesmo consciente deste desafio, esse autor acredita que este estudo se fundamenta fortemente pelas suas referências. Primeiro por utilizar o cerne da teoria geracional, desenvolvida pelos historiadores William Strauss e Neil Howe, que fizeram do tema geração, o estudo de suas vidas. Segundo, por relacionar esses conceitos com uma ampla pesquisa elaborada pela *Glocalities* com quase 50 mil pessoas em todo o planeta, e que se afasta dos simples estereótipos, respeitando as diferenças entre os *millennials* de regiões geográficas e condições socioeconômicas diferentes; mas também relacionando esses dados com outras pesquisas e estudos mais setoriais.

Esse estudo foca sua perspectiva nos indivíduos e suas características, que compõe e moldam afinal, os Estados, as organizações e as Relações Internacionais. Afastando-se da premissa realista que enxerga a natureza humana como egoísta e motivada por seus interesses, esse trabalho enxerga a humanidade como um processo em evolução, influenciando e sendo influenciada pela cultura vigente, e que se motiva tanto egoísta quanto altruisticamente. Esse movimento que é descrito pela Teoria Geracional Strauss-Howe (1991, 1997), encontra respaldo na Teoria Crítica de Andrew Linklater e sua proposta de construção de novas comunidades políticas baseadas na ética universal e no respeito às diferenças.

A escolha para esse tema e linha teórica utilizada parte da esperança desse autor na sua própria geração. Movimentos sociais que questionam e desafiam concepções históricas, clamando por liberdade e justiça tem causado um caos na visão conservadora do mundo, que se mostra e reage a isto, tornando o processo dialógico nem sempre fácil e pacífico. Embora estejamos em um momento da história onde há um equilíbrio de forças no planeta, como apontam os resultados de cenários políticos recentes, os dados trazidos por essa pesquisa apontam que em breve as decisões serão mais pautadas na liberdade e no respeito, seguindo a tendência da geração *millennial*, da qual esse autor faz parte e está cercado por.

1.4 Metodologia

Este trabalho tem como base lógica o método dialético, pois faz uma análise comparativa das gerações através de diferenças de comportamento entre elas (tese e antítese), assim como entre pessoas da mesma geração, mas de regiões diferentes. Dentro do possível, buscou-se estender essa análise para uma perspectiva dialógica, uma extensão do método dialético, mas envolvendo mais pontos às problemáticas dessa pesquisa, embora ainda abra espaço para muitas considerações e estudos, para a melhor fundamentação da dialógica habermasiana. Intentou-se, portanto, trazer uma multiplicidade maior de fatores para evitar trabalhar com estereótipos. Sendo este um trabalho final de curso de Relações Internacionais, uma Ciência Social, utiliza-se do método monográfico relacionando o tema de estudo (as gerações e os *millennials*) com o referencial teórico escolhido (A Teoria Crítica de Andrew Linklater). Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica em livros, artigos e reportagens, e também documental, com base em dados e pesquisas, estando os principais abaixo especificados.

No primeiro capítulo introduz-se o conceito de geração, ciclos históricos e arquétipos, utilizando-se para isto os estudos de William Strauss e David Howe, através de seus livros *Generations: The History Of America's Future* (1991) e *The Fourth Turning: An American Prophecy* (1997). Mark McCrindle (2009) e a tese de Karim Hallal-Peché (2017), servem como estudos auxiliares para essa explanação. A seguir, são listadas e explicadas as gerações do século XX e XXI, que hoje coexistem no planeta. Para isso, utiliza-se os marcos de transição entre uma geração e outra definidos por Strauss e Howe (1997). Para a definição, foi feita uma busca em livros específicos de cada uma das gerações, explicando brevemente suas características e o contexto histórico em que estavam inseridas. McCrindle (2009), O'ram (1996), Rainer e Rainer (2011), Howe e Strauss (1993, 1997 e 2000), entre outros, são utilizados como base bibliográfica a esse propósito. Para ilustrar o crescimento populacional nos anos 1960 a 1980, utiliza-se um gráfico de crescimento populacional (ROSER, ORTIZ-OSPINA, 2017). Na sequência, a fim de entender o panorama global populacional hoje, são apresentadas informações do Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA, da sigla em inglês), de acordo com os dados que estão disponíveis para download no site do DESA (2019). Conforme esses dados e os marcos estipulados por Strauss e Howe (1991, 1997 e 2000), é apresentado um gráfico para entender a divisão geracional da

população mundial hoje, trabalhado pelo autor, a fim de observar a importância política e econômica de cada um desses grupos.

Na sequência, entra-se mais a fundo na geração *millennial*, foco desta pesquisa, para compreender as diferenças entre essa e as que a precederam bem como as diferenças entre os *millennials* de regiões geográficas e classes sociais distintas. Para isto, utiliza-se majoritariamente a pesquisa da *think tank* neerlandesa *Glocalities* (2014), relacionando-a com o trabalho de Halal Peche (2017) e McCrindle (2009). Os gráficos utilizados nessa seção foram tirados do estudo da *Glocalities* (2014).

Para o referencial teórico dessa pesquisa (capítulo 3), apresenta-se os principais fundamentos e um breve histórico da Teoria Crítica e de seus principais expoentes para a Ciência Política da Escola de Frankfurt até a sua adaptação para as Relações Internacionais. Esse breve retrospecto fundamenta-se principalmente pelas obras de Matos (1993), Silva (2005) e McCarthy (1981). A seguir, introduz-se a parte crítica da teoria de Andrew Linklater, utilizando-se para tal três de suas obras (1990, 1998 e 2007), bem como da resenha de França (2007) sobre seu trabalho. Os pressupostos para a transformação da comunidade política de acordo com Linklater, base estrutural dessa pesquisa, são apresentados no tópico 3.3 dessa seção, tendo como cerne o livro do mesmo (1998), indicado e enviado pelo próprio autor para este pesquisador, e os artigos auxiliares de França (2007) e Devetak (2005).

A seção 4 deste trabalho é composta pela análise e está dividida em três partes. Na primeira procura-se relacionar o conceito de comunidade dialógica criado por Habermas e adaptado por Linklater com o ambiente digital da internet e das redes sociais. Para este bloco foi fundamental os artigos de Medeiros (2013), Aneleto (2018) e Gonçalves e Côrbo (2015); bem como as obras de Lévy (1997, 2001, 2010), Linklater (1998) e Habermas (2007), além de reportagens de revistas digitais que ilustram o exposto. Na segunda parte apresentam-se os desafios para consecução dessa ética dialógica nos espaços virtuais, dentre os quais prepondera-se a inveracidade das informações e a indução ao erro das chamadas *fake news*. Esta parte da análise centra-se no estudo de Empoli (2019) em seu livro *Engenheiros do Caos*, somado a reportagens diversas que ampliam essa perspectiva. Ao fim, busca-se identificar o papel dos *millennials* no contexto global digital e qual a importância da sua participação em eventos políticos dos últimos anos, bem como apontar desafios e possibilidades para uma transformação da sociedade como conhecemos. Esta parte é fundamentada por diversas reportagens, algumas muito recentes, a fim de retratar aspectos contemporâneos concernentes ao tema. A tese de Halal-Peche (2017) e a reportagem do The Economist (2019) foram

fundamentais para a organização desse tópico, que contou ainda com diversas pesquisas e reportagens para concluir essa análise e assim tentar responder ao problema dessa pesquisa.

2 Gerações

2.1 Conceito

Tradicionalmente, entende-se por geração o intervalo médio de tempo entre o nascimento dos pais e o nascimento de sua prole, que se dá entre 20 a 25 anos em média. Porém, a imprecisão dessa aceção fez com que muitos cientistas sociais, através de estudos observacionais, buscassem definir padrões de comportamento e eventos que impactaram a população em determinado período de tempo, determinando coortes estatísticas¹. Essas possibilitam avaliar com maior precisão o comportamento humano, levando em conta as experiências comuns que determinada população de indivíduos vivenciou em um dado período de tempo (HALLAL-PECHE, 2017; MCCRINDLE, 2009).

A localização geográfica, no entanto, também altera os eventos e informações que grupos equevos vivenciaram - a população da Arábia Saudita, por exemplo, vivenciou eventos muito distintos da brasileira ao longo da história; de forma que se torna difícil estabelecer um padrão global para essas coortes (MCCRINDLE, 2009). Os historiadores estadunidenses William Strauss e Neil Howe, no entanto, desenvolveram uma teoria geracional, analisando a história dos Estados Unidos da América (EUA), mas também descrevendo padrões e ciclos similares em outros países, tornando seu estudo mais amplo internacionalmente.

Strauss e Howe lançaram as bases teóricas de sua tese em seu livro de 1991, *Generations*, e expandiram-na em 1997 com *The Fourth Turning*. Ambos os livros trazem uma análise da história estadunidense e sua antecedência britânica, desde 1584. Os historiadores identificaram ciclos históricos, e classificam as gerações de A a Z (nomeadas posteriormente) através de quatro arquétipos subsequentes: profeta, nômade, herói e artista (STRAUSS; HOWE, 1991; 1997). Os ciclos determinados pelos autores, bem como os eventos mais recentes que marcaram cada um deles são:

- Elevação: uma era de fortalecimento das instituições e declínio do individualismo, uma nova ordem cívica surge e o antigo regime de valores

¹ Em Estatística, coorte representa um conjunto de pessoas que vivenciaram experiências comuns no mesmo período de tempo.

decai. Corresponde ao período entre 1946, com o fim da segunda guerra, e 1963, com o assassinato do presidente John F. Kennedy;

- Despertar: uma era apaixonada de mobilização social e espiritual, quando a ordem cívica se vê atacada por um novo regime de valores. Foi marcada nos EUA pelos movimentos de libertação feminina e de raça, manifestações contra a Guerra do Vietnã, *Woodstock* e o escândalo de *Watergate*². Culmina com a ascensão de Ronald Reagan ao poder em 1984;
- Desengano: uma era de fortalecimento do individualismo e decadência institucional. Uma nova ordem social se estabelece, marcada pelo conformismo e o enfraquecimento da organização social. A insatisfação com o rumo das reivindicações outrora proclamadas acaba gerando desesperança e conformismo nos indivíduos, abalando a confiança institucional para a solução dos problemas sociais. Essa era corresponde ao período de 1984 até meados de 2005, segundo previsão de Strauss e Howe (1997);
- Crise: uma era decisiva de convulsão secular, quando um novo regime de valores impulsiona a substituição da antiga ordem cívica por uma nova. Falta de confiança e ineficiência institucional perante um período de crise política e econômica acaba reavivando os clamores por justiça social. Vivemos esse período no século passado entre 1929 e 1946, entre a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, e vivemos contemporaneamente um novo, desde 2005, podendo se estender até metade dos anos 2020.

As gerações se encontram em períodos distintos de vida e apresentam comportamentos divergentes de acordo com seu ciclo de vida (infante, adulto jovem, meia-idade, terceira idade e ancião), que os pesquisadores classificam em quatro arquétipos: Profetas (nascidos durante o período de Elevação), Nômades (nascidos durante o despertar); Heróis (natos no Desengano), e Artistas (vindos durante o período de Crise) (idem, 1997).

Existem divergências quanto aos marcos que definem a data de início e término de cada geração, variam de acordo com o autor e o país avaliado. Strauss e Howe (1997) colocam que essa transição é gradual e difusa e não há uma divisa temporal a partir da qual os indivíduos nasçam diferentes, mas sim uma tendência geral e gradual que será observada nas décadas posteriores. Também é possível que uma pessoa nasça em uma geração, mas apresente características da geração anterior ao seu tempo ou posterior. Para esta pesquisa,

² Caso de espionagem ilegal na sede do Partido Democrata envolvendo o então presidente americano Richard Nixon, que acabou culminando com a renúncia deste.

porém, são utilizados os marcos definidos em *The Fourth Turning* (STRAUSS; HOWE, 1997), pois apresentam o estudo mais completo sobre o tema em termos acadêmicos.

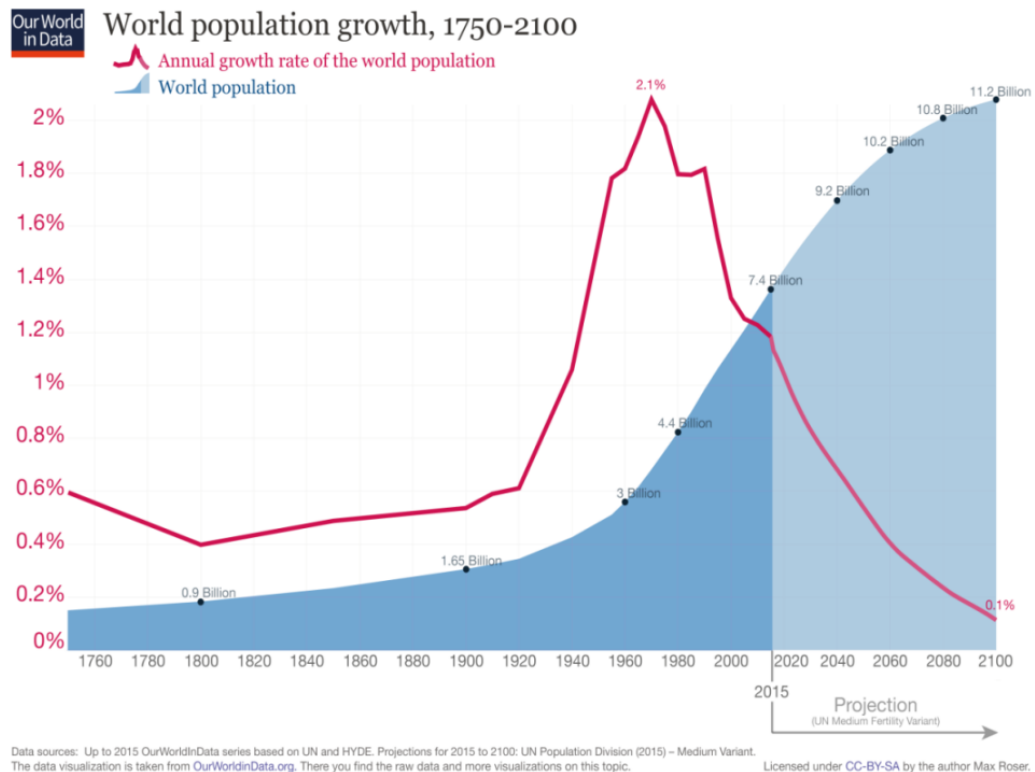
2.1.2 Gerações do século XX e XXI

Das gerações citadas pelos historiadores, seis coexistem em nosso planeta hoje:

- **G.I. Generation** (Herói - nascidos entre 1901-1924): Muitos dessa geração viveram a tensão de duas guerras e a Crise de 1929 entre elas. Alguns, inclusive, lutaram na Segunda Guerra Mundial. O termo *G.I. Generation* foi criado por Strauss e Howe (1991), significando *Governmental Issue* (Questão Governamental). Também é nomeada como *The Greatest Generation* (Geração Grandiosa) pelo jornalista estadunidense Tom Brokaw. Vivenciaram o auge econômico e *boom* tecnológico no período pós-guerra. Apenas uma porcentagem muito pequena dessa geração se encontra viva atualmente (STRAUSS; HOWE, 1997; MCCRINDLE, 2009).
- **Silent Generation** (Artista - nascidos entre 1925-1942): vindo ao mundo entre a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, foram a primeira geração na história a ser menor do que aquela que a precedeu. Depois dos eventos tensos da infância, essa geração chegou à fase adulta num dos períodos de maior prosperidade da história estadunidense: o desemprego era praticamente nulo, e seu papel militar foi pela reconstrução da paz, embora alguns indivíduos tenham servido na Guerra da Coreia. O nome “Geração Silenciosa” (tradução livre) foi criado pela revista *Time* em 1951, e se refere ao fato de que, tendo crescido durante a Era McCarthy, a maioria dos indivíduos desse período achava muito perigoso se expressar, o que fez com que essa geração preferisse focar em suas carreiras pessoais e adaptar-se às normas sociais a se dedicar a ativismos políticos. Os “silentes” hoje têm entre 78 e 95 anos (CARLSON, 2008).
- **Baby Boom Generation** (Profeta - nascidos entre 1943-1960): A maioria dos “*baby boomers*” nasceu no pós-guerra, em um período de crescimento econômico e pleno emprego na maioria dos países desenvolvidos. O primeiro uso documentado do nome “*Baby Boom*” foi em um artigo do jornal *The Washington Post* em 1970, e refere-se ao incrível aumento na taxa de natalidade que ocorreu durante essa geração (Gráfico 1) (JONES, 2008). Foram a primeira geração a crescer sob a cultura da televisão. Viveram durante o período da Guerra Fria, muitos lutaram na Guerra do Vietnã, outros protestaram contra, iniciaram movimentos de ativismo negro, feminismo ganhou força, viveram Woodstock, a Beatlemania e viram os assassinatos de John F. Kennedy

e Martin Luther King Jr. e a morte de Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison, ídolos de sua geração. Foi a geração da rebeldia, do *rock 'n' roll* e da desconfiança do governo e das instituições (OWRAM, 1996).

Gráfico 1 - Crescimento populacional mundial 1750-2100



Fonte: ROSER; ORTIZ-OSPINA, 2017.

- **Generation X** (Nômade - nascidos de 1961 a 1981): os membros dessa geração cresceram em um período de convulsão social, onde a população se encontrava menos focada nas crianças e mais focada no trabalho e na carreira. O termo Geração X refere-se à indefinição que permeou a identidade dessa geração que cresceu vendo notícias da Guerra do Vietnã, sob o medo do momento mais sombrio da Guerra Fria, e passou toda a sua juventude sob os governos Reagan nos EUA, Thatcher na Inglaterra e a ascensão de regimes totalitários na América Latina. Na cultura pop, o *rock'n'roll* se tornou mais eletrônico e nasciam *popstars*, foi a era da *disco music* e da MTV. Também houve uma queda na taxa de natalidade, alavancada pelos *baby boomers* anteriormente, devido a popularização da pílula anticoncepcional. Das gerações do século XX, foram os que se criaram de forma mais independente. (HOWE; STRAUSS, 1993).

- **Millennial Generation** (Herói - nascidos entre 1982-2002) esse grupo é também conhecido por Geração Y ou *echo boomers* por se tratarem, em sua maior parte, dos filhos dos *baby boomers*. Tiveram uma educação muito mais atenciosa do que da geração que os precedeu. Caracterizados por serem a primeira geração da era digital, os *millennials* vem se tornando a geração dominante no planeta a medida que se aproximam dos centros de poder. Tem uma relação intensa com a tecnologia e características que mostram ruptura com comportamentos e posições das gerações que os precederem e tem afetado a política, a publicidade, a cultura e os padrões sociais ao redor do mundo (RAINER; RAINER, 2011). Será falado mais sobre os *millennials*, tema desta pesquisa, em seguida.
- **Generation Z:** (Artista - nascidos a partir de 2002) Também conhecidos como *plurals*, *post-millennials*, *homelands*, entre tantas outras denominações (HOROVITZ, 2012). Os *plurals* estão crescendo numa sociedade cada vez mais diversificada e onde nunca antes houve tanta liberdade. Ainda muito novos para mostrarem a que vieram, são filhos predominantemente da Geração X, embora uma parte tenha pais *millennials*. Estão amadurecendo em um período de intensas mudanças na sociedade e na cultura, e já nasceram na era digital. Serão a continuidade ou a intermitência da revolução iniciada pelos *millennials* (MCCRINDLE, 2009).

Todas essas gerações hoje coexistem em nosso planeta, mas cada uma delas foi moldada pelas experiências e eventos que presenciaram. Seriam os *baby boomers* tão rebeldes se tivessem servido à guerra? Seriam os *millennials* tão revolucionários se tivessem visto de perto a tensão da Guerra Fria e os regimes militares como viram seus pais, os *Gen Xers*? E esses teriam sido tão individualistas e pouco engajados coletivamente se não tivessem sido a primeira geração a crescer de maneira mais independente? (HOWE; STRAUSS, 1993)

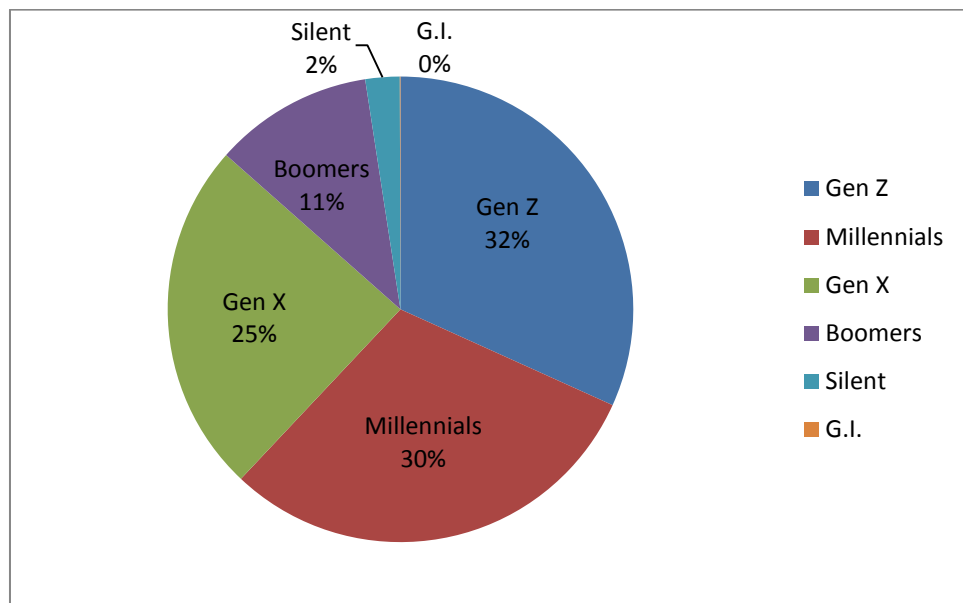
2.1.3 Participação Global das Gerações

De acordo com dados do Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais, segundo a última revisão global (2019), a população mundial hoje supera a marca de 7,7 bilhões de pessoas. E segue crescendo em média 80 milhões a cada ano. A idade mediana em escala global para os humanos é de 29,6 anos, sendo bem maior nos países desenvolvidos, e bem menor nos países em desenvolvimento. Japão é o país com maior idade mediana (46,5 anos), e Níger com a menor (14,8 anos). Estima-se que 50,4% da população

mundial é composta por homens e 49,6% por mulheres. A expectativa de vida média para as mulheres, porém, é maior: 73 anos, enquanto os homens vivem em média até os 68 anos de idade.

Os dados das Nações Unidas (2019) mostram ainda a pirâmide etária da população mundial em suas projeções. De acordo com esses dados e com os marcos estipulados por Strauss e Howe (1997) para a transição de gerações, chega-se à estimativa seguinte:

Gráfico 2: Divisão geracional da população global (2019)



Fonte: UNITED NATIONS, 2019. Dados trabalhados pelo autor.

Considerando que os *plurals* têm no máximo 19 anos de idade, dependem em sua imensa maioria ainda dos pais, poucos votam e trabalham, ainda não podemos precisar quais as características e mudanças que essa geração vai trazer para a sociedade no aspecto político. Os *G.I.'s* e os *silents* somam um número inexpressivo no panorama global e já se aposentaram há algum tempo. Hoje, a população econômica e politicamente ativa no planeta, compreende, em sua quase totalidade aos *baby boomers*, *Gen Xers* e *millennials*.

2.2 Millennials

Todos os dias diversos artigos e reportagens são escritos retratando os *millennials*, suas características e preferências, no mundo inteiro. Isto porque, desde os anos 1990, essa geração tem se tornado atrativa para o mercado consumidor, e mais recentemente, um desafio para empresas, que precisaram aprender a lidar com profissionais com um *mindset* totalmente

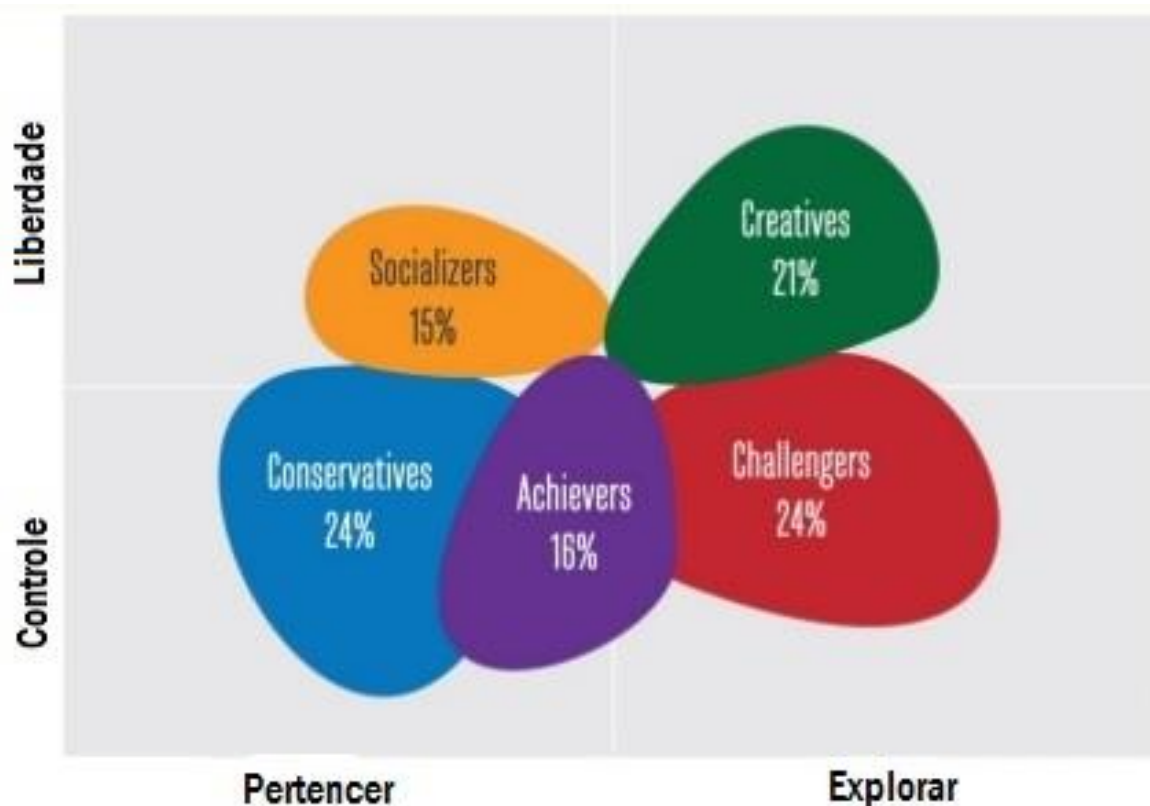
diferente das gerações anteriores. Porém, é necessário olhar essas produções com cuidado, pois muitas vezes elas representam uma imagem construída, sem nenhum embasamento empírico, atendendo aos interesses das empresas que as produzem e/ou patrocinam (MCCRINDLE, 2009).

Mesmo as datas para início e fim das gerações recentes (*millennials* e *plurals*) são imprecisas e variam de acordo com o país, autor ou estudo feito. Para este estudo, como já foi mencionado, são utilizados os marcos definidos por Strauss e Howe (1997) para início e fim da geração *millennial* – 1982 a 2002, pelo pioneirismo e amplo estudo dos dois autores na teoria geracional. Mas por ser um grupo muito amplo, é também muito heterogêneo, e um *millennial* de 36 anos vai agir e se comportar de forma diferente de outro que está atingindo a maioria neste ano (HALAL-PECHE, 2017).

A despeito disto, existem pesquisas que foram feitas globalmente e estabeleceram certos padrões de comportamento entre *millennials* de diversas partes do planeta. A mais completa até então, que serve de base para diversos estudos em muitos idiomas, foi feita pela *Glocalities* (2014), projeto da agência independente de pesquisa e consultoria neerlandesa *Motivaction*, que entrevistou mais de 48 mil respondentes em 20 países (EUA, Canadá, México, Brasil, Austrália, Japão, China, Coreia do Sul, Índia, Rússia, Turquia, África do Sul, Itália, Polônia, Alemanha, França, Espanha, Bélgica, Países Baixos e Reino Unido), em 12 idiomas, sendo representativa de 58% da população e 75% da economia mundial. Este estudo foi chamado de '*Flash Report: The disruptive mindset of Millennials around the globe*', e serve de base para os dados apresentados a seguir.

O estudo fez um contraste entre as gerações *Baby boomer*, Geração X e *millennials* e atestou que os últimos são mais orientados ao consumismo, passam mais tempo *online*, são menos religiosos, e se mostram menos conservadores em relação a temas como legalização das drogas, casamento homo afetivo e direito ao aborto, advogam pela diversidade e são menos nacionalistas do que as gerações que os precederam. Porém, mostraram-se mais dispersos, egocêntricos e menos interessados em política do que os respondentes das outras gerações. No entanto, essa é uma média estabelecida entre quase 50 mil entrevistados em 20 países, e nem todas as gerações e países se comportam da mesma maneira que a média de resultados da pesquisa conclui. Um enorme contraste é encontrado, por exemplo, entre *millennials* estadunidenses e russos. Por este motivo, a *Glocalities* (2014), dividiu as três gerações em cinco segmentações, que representam o *mindset* dos entrevistados, conforme mostra o Gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3: Modelo de segmentação da *Glocalities*



Fonte: GLOCALITIES, 2014.

O modelo de segmentação desenvolvido pela *Glocalities* baseia-se na premissa de que o comportamento e as opiniões humanas são moldadas por orientações de valor que estão profundamente inseridas nas pessoas e sociedades. Os autores do relatório defendem que enquanto comportamentos e opiniões são voláteis, orientações de valor tendem a ser muito mais estáveis durante o tempo de vida dos seres humanos. A *Glocalities* expõe os resultados em um gráfico de dois eixos: o vertical representando o quanto as pessoas valorizam a independência e a liberdade, e o horizontal, representando o quanto são abertas à mudança e inovação.

Os entrevistados tinham entre 18 e 65 anos de idade, sendo representativos das três gerações supracitadas, e foram identificados e segmentados de acordo com suas orientações de valor nos seguintes segmentos:

- **Criativos (*Creatives*):** Idealistas de mente aberta que valorizam mais o desenvolvimento pessoal do que os bens materiais, gostam de viajar e conhecer outras culturas, são mais educados, cosmopolitas, idealistas e neste grupo se encontram a

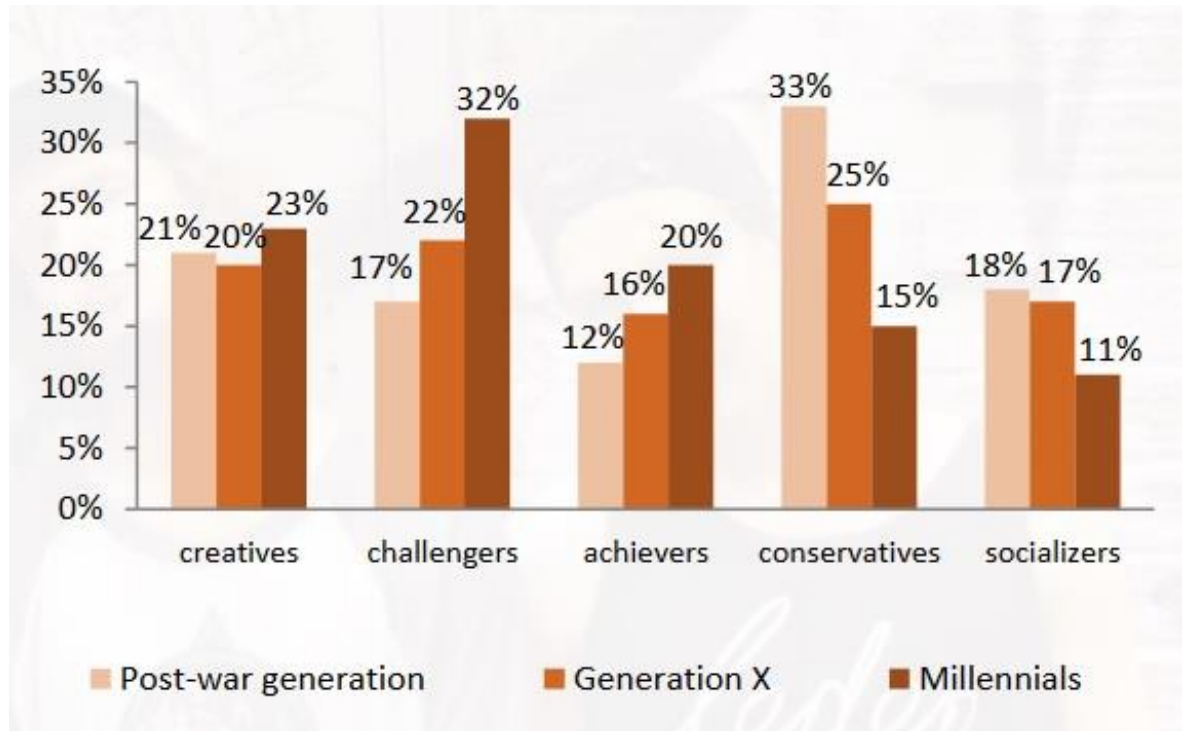
maior parte dos ativistas políticos. Não costumam casar e são pouco religiosos. Estão bem representados entre os *millennials* na Europa (29%), Canadá (28%), EUA (23%), América Latina (24%) e na Austrália (29%), porém são minoria entre a mesma geração na Rússia, China, Índia, Turquia e África do Sul (menos de 16%);

- **Realizadores (*Achievers*):** Mentalidade empreendedora, valorizam a família e a comunidade. Também são bem educados e globalizados como os criativos, porém não têm valores tão pós-modernos quanto esses. Combinam um estilo de vida cosmopolita com uma perspectiva mais voltada à família, *status* e carreira. Ao contrário dos criativos também, os *millennials* realizadores formam um pequeno grupo no Ocidente, mas é especialmente amplo na Ásia;
- **Desafiadores (*Challengers*):** Trabalhadores competitivos com fascinação por dinheiro, risco e aventura. Representam 1/3 dos *millennials* do planeta e se encontram geralmente em um situação financeira inferior aos demais grupos, sendo a maioria de classe média a baixa. Sua felicidade geralmente está relacionada à sua carreira, gostam de consumir e têm um comportamento altamente aspiracional. Estão bem representados em todos os países da pesquisa, mas sobretudo nas economias em desenvolvimento da Ásia (41%) e da América Latina (35%);
- **Conservadores (*Conservatives*):** Pessoas que defendem os valores da família, tradição, etiqueta e estrutura. São os que passam menos tempo *online* entre os segmentos, tendem a se casar e ter filhos, são mais religiosos e apresentam um nível educacional mediano. Representam apenas 15% dos *millennials*, e se encontram, sobretudo, na Rússia, Turquia e África do Sul;
- **Socializadores (*Socializers*):** valorizam a estrutura e comodidade, mas também apreciam entretenimento e liberdade. A diversão é o principal foco deste grupo, e a comunidade, família e amigos são importantes pontos de referência. Gostam do que vem fácil, procuram por segurança e são menos engajados politicamente, menos competitivos e priorizam pouco a carreira. Por isso também frequentemente têm menos dinheiro e sofrem mais em momentos de crise. São o menor grupo entre os *millennials* no planeta (11%), insignificantes na Ásia (3%), mas representativos nos EUA (13%), Europa (16%) e principalmente Austrália (20%).

Comparando dados das três gerações, vemos uma ruptura entre o comportamento dos *millennials* em relação a seus antecessores. Conforme mostra o Gráfico 4, os mais jovens são mais criativos e realizadores, muito mais desafiadores, e muito menos conservadores e

socializadores que os *Gen Xers* e os *Baby boomers* (identificados na pesquisa como *Post-war generation*).

Gráfico 4: Orientações de valor segmentadas por geração:



Fonte: *Glocalities*, 2014.

3 A Teoria Crítica de Andrew Linklater

Andrew Linklater é considerado um dos principais expoentes da Teoria Crítica das Relações Internacionais, ao lado de Robert W. Cox. Fortemente inspirado pelo sociólogo alemão Jürgen Habermas, traz para as Relações Internacionais a crítica ao positivismo, focando seu estudo na superação do modelo de Estado e a construção de novas comunidades políticas baseadas na ética e no respeito às diferenças. Busca em autores clássicos como Karl Marx, Georg W. F. Hegel e, sobretudo Immanuel Kant, os fundamentos de sua teoria (FRANÇA, 2007). Atualmente é professor de Política Internacional na Universidade de Gales, em Aberystwyth.

Em *The Transformation of Political Community – Ethical Foundations of the Post-Westphalian Era* (1998), Linklater, dentro de uma perspectiva cosmopolita, faz uma crítica aos preceitos das teorias positivistas dominantes nas Relações Internacionais: Realismo, Liberalismo e Marxismo, e propõe a construção de um novo modelo de comunidades políticas, contemplando éticas universalistas e o respeito às diferenças. Para o autor, esse novo modelo de sociedade não pode ser imposto a contragosto, e sim discutido através da lógica do melhor argumento. (LINKLATER, 1998).

O projeto de transformação proposto pelo teórico resgata a perspectiva kantiana evolutiva, através da emancipação humana, que se daria pela racionalidade e a ética universal. Três transformações essenciais devem ocorrer para que isso aconteça:

1. Criação de relações sociais universalistas;
2. Diminuição das desigualdades;
3. Maior sensibilidade às diferenças culturais (FRANÇA, 2007).

Linklater (1998) responsabiliza a estrutura do Estado e o nacionalismo pela perpetuação das diferenças entre os povos, e afirma que a lealdade ao Estado afasta a lealdade com a humanidade. Com isso, o autor prega a superação das fronteiras nacionais, que mais oprimem do que beneficiam os indivíduos, e defende a universalidade de todos os seres, evoluindo o conceito cosmopolita de Kant, que considera o ser humano como um cidadão do mundo independente do seu Estado. Para isto, Linklater sugere a ampliação de estruturas que permitam o diálogo, para assim superar o cenário neorrealista das Relações Internacionais.

Essa comunidade política estaria amparada no conceito de uma ética universal, que resultaria do diálogo entre diversos grupos e culturas. Este não seria um processo fácil, mas é inerente ao ser humano, dentro de suas liberdades individuais, expor seu ponto de vista, e

dessa forma, através do método dialógico, chegar a um veredicto que se aproxime mais dessa ética universalista. O autor acredita que os princípios morais que guiam o ser humano estejam conectados à solidariedade e ao respeito entre os seres, e qualquer distorção dessa natureza pode ser amenizada e superada por meio do diálogo (método dialógico) (LINKLATER, 1998).

A fim de compreender as ideias de Linklater para a construção de um novo modelo de sociedade, este capítulo está ordenado de forma a primeiro explicar a Teoria Crítica, desde sua origem na Escola de Frankfurt, fazendo um retrospecto do pensamento de seus principais expoentes para as ciências políticas; para posteriormente explicar a crítica de Linklater e suas premissas para a transformação da comunidade política.

3.1 Teoria Crítica

Por muito tempo nas Relações Internacionais houve um debate entre as visões realistas e liberais que envolvem preceitos como o papel do Estado, a segurança nacional, a natureza humana, a anarquia internacional e relações entre as organizações internacionais, poder e soberania estatal. As duas vertentes dominantes disputam espaço desde o início do século passado, e antagonizam posições em relação a esses temas. Desde o início dos anos 1990 fortaleceram-se visões que questionam os próprios preceitos das teorias positivistas, tidas até então como a espinha dorsal das ciências políticas. Uma dessas vertentes (das chamadas teorias pós-positivistas) confronta os preceitos e métricas através da crítica às mesmas: a Teoria Crítica.

Embora trazida para as Relações Internacionais somente nas últimas décadas do século XX, a Teoria Crítica tem suas raízes na década de 1920, pelos teóricos da assim chamada Escola de Frankfurt, um grupo de pensadores de influência marxista, de diversas áreas do conhecimento, que manifestaram suas decepções com os rumos que as revoluções tomaram a partir do pós-guerra, tanto na Europa quanto na União Soviética. O foco de estudo era a emancipação humana, utilizando-se da crítica tanto ao sistema capitalista, quanto ao socialismo soviético, e a partir desta pensar instituições mais racionais e democráticas. Por décadas, estes teóricos repensaram as premissas marxistas, mas também resgataram a filosofia crítica de Immanuel Kant, a dialética de Georg Hegel, a psicanálise de Sigmund Freud, a sociologia de Max Weber, entre outras bases teóricas. Os principais expoentes deste grupo para as Ciências Políticas foram Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Erick

Fromm da formação original do Instituto para Pesquisa Social (só posteriormente foi atribuído o nome Escola de Frankfurt), e Jürgen Habermas e Franz Neumann da segunda geração (a partir de 1950) (MATOS, 1993; SILVA, 2005).

O trabalho de Horkheimer buscou afastar as ciências sociais das ciências naturais, pois os cientistas sociais não estariam dissociados do objeto de estudo como os cientistas naturais, colocando seus próprios interesses e visões de mundo a seu objeto de estudo, reproduzindo, portanto, a ordem existente. Nesse ponto Horkheimer diferencia a teoria tradicional da teoria crítica. A primeira considerava que um “fato” pudesse ser analisado autonomamente, sem considerar a estrutura e contexto histórico e social em que este está inserido. Via o mundo como um campo a ser descoberto por meio da ciência – positivismo – e assim ser controlado e dominado, como a natureza, indiferente à emancipação humana. Dessa forma, Horkheimer introduz a Teoria Crítica, que considera que fatos são produtos da ordem social e histórica existente, e não estão dissociados do próprio pesquisador (SILVA, 2005).

A contribuição de Theodor Adorno para a Teoria Crítica, parte em associação a Horkheimer, veio no sentido de iluminar a questão da “indústria cultural”, que seria a produção de bens culturais padronizados para alienar a sociedade em massa, tornando passivos até mesmo indivíduos nas situações econômicas mais difíceis. Adorno faz uso para isso da *Dialética Negativa*, um conceito que questiona a dialética hegeliana por essa apenas legitimar o *status quo*. Para o teórico, “o espaço entre os conceitos e sua realidade substantiva no aqui e agora, tem uma força potencialmente explosiva” (BERRY, 2011, p. 126 – tradução livre), sendo para isso sempre necessário questionar os conceitos à luz do momento para uma análise mais pura do fato em si (BERRY, 2011; MATOS, 1993).

Adorno e Horkheimer veem na consciência, através da arte e do amor, o caminho de saída para a alienação humana. Jürgen Habermas, da segunda geração da Escola de Frankfurt, no entanto, desloca esse paradigma para a transformação pela ação comunicativa. O processo dialógico (por meio do diálogo) trazido por ele buscou solucionar o impasse que a crítica à razão instrumental de Horkheimer e Adorno havia chegado. Nele, Habermas coloca que o diálogo precisa envolver todas as partes afetadas por determinada decisão e que deve haver um entendimento mútuo beneficiando todos os envolvidos. Para que isto ocorra é necessário haver abertura entre os participantes para a tomada de uma decisão justa, liberdade e igualdade de interação e ausência de coerção interna e externa. Essa ação comunicativa não viria de uma intersubjetividade sem restrições, mas sim do reconhecimento das oposições

como resultado de visões e experiências de vida distintas, sendo necessário, portanto, enxergar-se um no outro (MCCARTHY, 1981).

Nas Relações Internacionais, a Teoria Crítica encontra representação nas obras de Robert W. Cox e Andrew Linklater. O primeiro dá central importância à ontologia da visão dominante, enfatizando que o pesquisador não está dissociado da pesquisa, sendo as teorias precedentes orientadoras da visão deste que corrobora as mesmas e as reproduz. Cox, fortemente influenciado pelo materialismo histórico de Antonio Gramsci e a teoria crítica de Horkheimer, explora a relação entre o sujeito e o objeto estudado e os interesses e valores que os orientam, face à mutabilidade da realidade (SILVA, 2005).

A crítica de Linklater, por outro lado, centra-se nas formas de inclusão e exclusão da política global, usando-se para isso, do método dialógico trazido por Habermas e busca por meio deste uma reforma da comunidade política, repensando as Relações Internacionais através de uma ótica de ética universalista, cidadania global e respeito às diferenças (FRANÇA, 2007). As críticas aplicadas ao cenário internacional e as premissas para a mudança deste trazidas por Linklater serão discorridas nas seções seguintes.

3.2 A Crítica de Linklater

Em *The Transformation of Political Community* (1998) Linklater tece críticas às visões positivistas dominantes no cenário das Relações Internacionais: Liberalismo, Marxismo e, sobretudo, o Neorrealismo. O autor, assim como Robert Cox, critica as verdades estabelecidas pelas vertentes imperantes. A legitimação de poder pelo Estado (por não haver poder superior), a anarquia internacional e a soberania estatal estão no centro das críticas de Linklater às teorias de Relações Internacionais. O argumento neorrealista impõe tais fatos aos acadêmicos, e as outras visões as legitimam, discutindo e reiterando os mesmos pontos, tornando difícil qualquer possibilidade de transformação da visão sistêmica. Para o teórico “toda visão realista busca demonstrar que uma interpretação progressista de relações internacionais é impossível, mas o neorrealismo é de longe a mais poderosa tentativa de banir sentimentos idealistas e projetos reformistas do estudo da sociedade internacional” (LINKLATER, 1998, p. 15 – tradução livre).

Keneth Waltz com seus clássicos *Man, the State and War* (1959) e *Theory of International Politics* (1979) ditou as regras do jogo para os teóricos de Relações Internacionais na segunda metade do século XX. Segundo Linklater (1998), o cenário

neorrealista não foi superado pelos esforços neoliberais e marxistas em razão da aceitação dessas correntes às premissas básicas realistas, legitimando-as assim. Quando realistas e marxistas, ao invés de questionarem a ordem que as produzem, tentam justificá-las ou combater-las, as ideias realistas se fortalecem. Os dilemas de segurança, a balança de poder e a ordem internacional em torno da defesa dos Estados, portanto, seguiu sendo a pauta das teorias, e o problema da guerra sendo legitimado pela natureza corruptível do ser humano e a anarquia internacional. Linklater considera essa visão incompleta em razão da não consideração da evolução humana e das organizações internacionais que, ora complementando ou suplantando as atividades governamentais, avançam no sentido de garantir uma maior equidade entre cidadãos e *aliens* (aqueles que não pertencem à comunidade política) (LINKLATER, 1998).

Outro ponto importante da crítica do autor refere-se ao fato de considerar poder, ordem e emancipação como as três principais tradições da teoria internacional, correspondendo às perspectivas realista, racionalista (liberal) e revolucionária (marxista), respectivamente. Enquanto os realistas mantêm poder e segurança como a lógica dominante nas Relações Internacionais, os racionalistas tentam enxergar uma ordem que pode ser alcançada nesse estado de anarquia, ao passo em que os revolucionários clamam por um potencial moral imanente nos seres humanos que os conduzirá para uma realidade posterior ao sistema internacional de Estados. A esses últimos, vários teóricos empenharam críticas, enaltecendo os obstáculos para o atingimento dessa emancipação, relegando-os assim ao terceiro plano na teoria internacional. Tanto realistas quanto racionalistas acusam o revolucionarismo – a corrente que mais se aproxima da teoria crítica global - de ser uma distração aos temas centrais da política internacional (LINKLATER, 1990).

Em análises posteriores (1998, 2007), Linklater traz seu estudo ao problema do Estado em si, e a perpetuação das desigualdades internas e assimetrias externas no sistema internacional. O autor, em sua perspectiva crítica ao neorrealismo, complementa que a solidez dos conceitos em torno do Estado não cria espaço para mudanças no cenário, e esta concepção estática ignora as mudanças da sociedade e do próprio Estado. Linklater corrobora a visão pós-moderna de que o excessivo foco na questão da segurança reforça a concepção anárquica da sociedade global, criando “inimigos” externos que reforçam o nacionalismo interno, gerando passividade nos nacionais para a mudança desse cenário. Esse nacionalismo seria uma característica prejudicial, pois limita os indivíduos a sua condição nacional, seja reforçando o preconceito com outros povos ou internalizando a condição periférica de seu

país. Logo, a lealdade ao Estado afasta a lealdade com a humanidade. O teórico traça uma clara distinção entre nacionalismo e cidadania, sendo a última “muito importante, pois orienta as sociedades às possibilidades de superação de seus déficits morais internos ao promover a tripla transformação da comunidade política” (LINKLATER, 1998, p. 6 – tradução livre). Essas transformações seriam: criação de relações sociais mais universalistas, diminuição das desigualdades internas e maior sensibilidade às diferenças culturais, sendo estes os três pilares do projeto de transformação nas considerações do autor (LINKLATER, 1998; idem, 2007; FRANÇA, 2007).

Como diversos autores pós-positivistas, Linklater, sobretudo em seus primeiros trabalhos, empenha diversas críticas às teorias dominantes, questionando e desconstruindo conceitos consolidados na conjectura política. Porém, diferentemente de Robert Cox, que centra sua análise na crítica, inspirado, sobretudo por Max Horkheimer, a maior contribuição de Linklater para a teoria política está na proposta de um caminho para a renovação da ordem internacional. Para esse axioma, tido por muitos autores como utópico, o teórico resgata a perspectiva evolucionista de Kant, considerando as premissas marxistas e buscando em Habermas e seu método dialógico um caminho para a construção de uma comunidade global. Para esta pesquisa, as propostas do autor para esta nova ordem global serão o foco de estudo, e não tanto os aspectos críticos da análise do mesmo.

3.3 A Transformação da Comunidade Política

O trabalho de maior notoriedade de Linklater para as Relações Internacionais é seu livro *The Transformation of Political Community*, de 1998. Nele, o autor vai além da teorização crítica de seus trabalhos pregressos e se propõe a estudar as possibilidades para uma transformação da sociedade contemporânea. Mais do que criticar a ordem social e política estabelecida, neste trabalho Linklater apresenta alternativas para a transição de um sistema de Estados conflituoso, onde impera a anarquia e as relações de poder no cenário internacional, para um sistema internacional menos beligerante e centrado na ética universal, no diálogo e no respeito às diferenças (FRANÇA, 2007).

O autor resgata a ideia kantiana de evolução e emancipação do ser humano. Para Kant, a própria ordem natural das coisas, guiada pela moral, levaria os Estados e sociedades a diminuir suas disparidades, aumentarem seus laços comerciais com outros Estados e ampliarem a noção de cidadania dos indivíduos até o ponto de considerarem-se cidadãos do

mundo (KANT, 1996). Linklater caracteriza cidadania como “direito de participação política, deveres aos outros cidadãos e a responsabilidade com o bem estar da comunidade como um todo” (LINKLATER, 1998, p. 184 *apud* FRANÇA, 2007, p. 17), representando assim a superação dos déficits morais dentro de uma comunidade, e para legitimar sua ideia o autor traça um paralelo de vários hábitos e costumes instituídos na sociedade que caíram ou direitos que foram reconhecidos mediante o fortalecimento da cidadania ao longo das décadas. A conquista do sufrágio universal e a incapacidade das elites políticas de instituir um projeto totalizante são alguns exemplos citados pelo autor nesse contexto. (LINKLATER, 1998).

Desenvolver a ideia de cidadania foi fundamental para gerar questionamentos sobre as relações de dominação, a marginalização social e moral dentro das comunidades, o estabelecimento de direitos de respeito humano, as injustiças sociais e as desigualdades. Dessa forma, percebe-se que as ideias modernas de cidadania contribuem para a possibilidade de mudança e transformação das sociedades. (FRANÇA, 2007, p. 16-17)

Nesse interim, Linklater introduz a ideia de ampliação da comunidade discursiva, fortemente inspirado pela ideia da ação comunicativa de Jürgen Habermas (explicado previamente). Para o autor, os mecanismos de diálogo entre a sociedade precisam ser fortalecidos, e expandidos até incluir todos os membros dela, pois, na contraposição de diferentes pensamentos e necessidades muitas vezes surgem novas soluções que tendem a ser satisfatórias para ambas as partes. Os conflitos, portanto, são parte da construção e evolução de uma sociedade saudável, e as instituições democráticas precisam garantir um ambiente onde a liberdade de expressão seja direito fundamental e universal dentro dos estados. As comunidades, ao lutarem pela igualdade de direito ao uso da palavra (isegoria), a igualdade de todos os indivíduos perante a lei (isonomia) e a igualdade de poder político dos cidadãos (isocracia), tendem a ampliar suas discussões, permitindo o embate de visões radicalmente opostas, e assim ampliando suas fronteiras dialógicas. Todavia, o objetivo não é a construção do consenso a todo custo, mas a consideração de todas as partes envolvidas, estando as decisões sempre sujeitas a constantes críticas. (DEVETAK, *et al.*, 2005; FRANÇA, 2007; LINKLATER, 1998).

Ampliando a discussão gradativamente a níveis mais macros, Linklater aponta o mesmo caminho para solução de conflitos entre comunidades dialógicas a fim de manter a ordem e a paz dentro dos estados, bem como pela cooperação internacional entre estados soberanos no plano global. Sociedades internacionais pluralistas atuariam então para manter a proteção dos princípios morais acordados. Esse é o ponto do estudo de Linklater que apresenta um maior

grau de divergência com teóricos cujo foco de estudo não está na emancipação. Porém, sob a perspectiva kantiana adotada pelo autor, há um princípio moral que rege a todos os seres humanos, e estes não estão dissociados da natureza, sendo parte dela, e evoluem de acordo com ela. Uma das bases do estudo de Linklater está na ‘ética discursiva’ de Habermas, que considera que as normas não podem ser validadas sem que haja um consenso entre todos que podem ser afetados por elas (FRANÇA, 2007).

Remover todas as formas de exclusão que obstruem a meta – que pode nunca se realizar – de um acordo global apoiado no consentimento de cada membro da espécie humana. A ética do discurso é, portanto, radicalmente oposta a qualquer intenção de permanecer com absoluta certeza em um território excludente.
(LINKLATER, 1998, p. 93 – tradução livre)

Partindo para um viés mais marxista, Linklater aponta que esse processo dialógico tem que, necessariamente, questionar as formas de exclusão dentro das comunidades, sob o prisma dessa ética universal. Esse questionamento deve ter caráter revisionista, analisando a origem e o desenvolvimento das relações sociais em uma comunidade. As normas e instituições públicas devem ser sensíveis às diferenças sociais e comprometidas com a redução das desigualdades debilitantes do processo. O teórico interpreta esse dinamismo como sendo algo natural à medida que o conforto da moralidade social for perturbado pela razão ética universalista de uma comunidade dialógica, tornando-a assim, altamente reflexiva sobre as formas de exclusão dentro de si.

Como poderiam os membros de tal sociedade lidar com a questão da moralidade dos sistemas de exclusão? Que critérios usariam para discernir as formas de exclusão como justificáveis ou injustificáveis? Quais seriam as possibilidades dos membros reivindicarem a validade transcultural de direitos derivados de suas conclusões substantivas ou pelos procedimentos pelos quais eles foram alcançados?
(LINKLATER, 1998, p. 78 – tradução livre)

Linklater acredita que o processo dialógico, a diminuição das desigualdades e a criação de relações sociais universalistas são a possibilidade para ultrapassar o cenário neorrealista das relações internacionais. Através de Habermas, ele atualiza os pensamentos do sociólogo e suas influências, aplicando-os às relações internacionais. Resgatando Kant, o autor defende a transição do atual sistema de Estados anárquico, para uma sociedade internacional guiada pelos mesmos princípios morais e leis internacionais, progredindo dessa forma a uma sociedade cosmopolita que une toda a humanidade em torno de princípios universais. Em Marx, o teórico resgata a necessidade de superação das formas de exclusão da sociedade, mas não somente econômicas, como o marxismo defendia, como também de etnias, raças e gêneros, levando o estudo para além da luta de classes (FRANÇA, 2007).

Entretanto, Linklater faz uma revisão crítica dos estudos de Marx e Kant para a política internacional. Em Kant, o autor aponta a falta de autocritica do teórico iluminista em suas “visões etnocêntricas de superioridade da cultura europeia ocidental em detrimento dos povos não-ocidentais, que foram marginalizados com práticas violentas de exclusão” (FRANÇA, 2007, p. 25). Já em relação a Marx, o teórico critica o foco excessivo nos meios de produção capitalista e na luta de classes, ignorando outras possibilidades de emancipação humana e processos de transformações sociais (LINKLATER, 1998).

O foco principal da teoria de Linklater está na promoção de uma nova comunidade política, que se expande para além do Estado soberano, e através do processo dialógico o autor vê as possibilidades de expansão para além dessas antigas fronteiras, seja pelas similaridades culturais ou o interesse pela diferença que exercem semelhante fascínio no imaginário humano. Para o autor, a identificação nacional é uma criação artificial que é imputada nos indivíduos desde a infância e perde a sua força à medida que eles são expostos a outras culturas. O Estado, porém, vende a ideia de que oferece proteção e justiça em troca de lealdade e obediência. E essa lealdade nacional acaba afastando a lealdade com toda a humanidade (DEVETAK, *et al*, 2005; LINKLATER, 1998).

Para ultrapassar esse cenário, Linklater prega a reconstituição do Estado dentro de estruturas alternativas de ação política que reduzam a exclusão social e ampliem a participação democrática. O resultado seria a gradativa descentralização do Estado em formas mais cosmopolitas de organização política. Essa transição se daria em três fases:

Primeiro, uma sociedade pluralista de Estados em que os princípios de coexistência atuem para preservar o respeito pela liberdade e igualdade das comunidades políticas. Segundo, uma sociedade ‘solidária’ de estados que concordem com fins morais substantivos. Terceiro, uma estrutura pós-Westfaliana em que os estados renunciam a alguns de seus poderes soberanos para institucionalizar normas políticas e morais compartilhadas.
(DEVETAK, *et al.*, 2005, p. 155 – Tradução livre)

Linklater (1998) coloca que essa ordem virá naturalmente ao passo que o Estado for se tornando incapaz de mediar de maneira eficaz e justa as muitas lealdades, identidades e interesses que existem em um mundo globalizado. O autor cita novamente Habermas ao afirmar que a emancipação humana virá não somente com a diminuição das desigualdades sociais, mas com a democratização de todas as dimensões da vida social, política e cultural da sociedade; e, concorda com Marx ao afirmar que o “propósito da teoria e ação política é entender e ajudar a criar um mundo no qual os seres humanos possam fazer mais de suas histórias sob condições de suas próprias escolhas” (DEVETAK, *et al.*, 2005, p. 130). A essa

possível nova era pós-exclusão da comunidade política internacional, o teórico titulou de era pós-westfaliana (DEVETAK, et al., 2005; FRANÇA, 2007; LINKLATER, 1998).

4 A comunidade dialógica, os *millennials* e o cenário político global

A internet e, mais precisamente, as redes sociais representam hoje o melhor espaço para a prática do método dialógico proposto por Habermas e defendido por Linklater. A inexistência de hierarquias de pensamento no meio digital, a facilidade de informações e as constantes tematizações em voga nessas redes permitem o esclarecimento e ajudam na individuação dos sujeitos que através dos argumentos, afetam e são afetados pelo meio em que estão. Nesta análise pretende-se verificar quais pressupostos teóricos da ética dialógica de Habermas encontram respaldo na realidade das mídias sociais e no que essa nova configuração tem contribuído para a ampliação da comunidade discursiva global nos termos propostos por Linklater.

Na segunda parte, ressaltam-se os desafios para essa ampliação, em especial as *fake news*, que tem sido estratégias não ortodoxas utilizadas por grupos políticos e empresas para induzir ao erro e nublar o discernimento dos indivíduos, dificultando o processo dialógico. As estratégias adotadas para a difusão dessas informações, as consequências no campo político e as medidas que estão sendo tomadas por empresas e países no combate à desinformação são trabalhados no item 3.2 deste capítulo.

Ao final, estende-se a análise ao protagonismo *millennial* no meio dialógico das redes sociais; às novas formas de atuação política dessa geração; novos representantes, agenda e pautas relevantes, bem como a insurgência conservadora dos últimos anos como um desafio para a execução das reivindicações da juventude no cenário político mundial.

4.1 A internet e o método dialógico

A revolução digital das últimas décadas transformou significativamente a forma como o ser humano se comunica e troca informações entre si. A internet e, mais precisamente, as redes sociais ampliaram a interação entre pessoas de grupos sociais totalmente diversos, gerando fluxos de informações e trocas que impactam esses grupos. As informações em tempo real, a crescente acessibilidade digital e a rápida propagação das notícias acabam alcançando cidadãos que não teriam meios para formar opinião sobre determinado tema em outras situações. Gomes (2005 *apud* MEDEIROS, 2013) classifica a internet como um jogo democrático, onde imperam a informação política e a interação social, sendo um espaço para a extensão da expressão política individual e a partir dessa, uma organização coletiva,

tornando-se determinante na propagação de ideias e definição da agenda de grupos sociais distintos. Embora movimentos sociais e ativistas já existam na humanidade há muitas décadas, a capacidade de articulação e de organização de grupos com ideologias e bandeiras comuns se tornou muito mais eficiente com o advento dessas novas mídias (MEDEIROS, 2013).

Esse processo apresenta similaridades teóricas com a Teoria da Ação Comunicativa e a Ética do Discurso propostas por Jürgen Habermas, por mais que o foco do autor não fosse uma teoria voltada às mídias sócias e sim à imprensa e à opinião pública. Medeiros (2013) e Anacleto (2018) apontam uma evolução no processo dialógico, teorizado por Habermas e defendido por Linklater, na sociedade por meio das mídias sociais. Essas funcionam como uma garantia de acesso à informação aos cidadãos, bem como o direito de expressão de suas opiniões e ideias, essas sempre sujeitas à crítica dos demais (também sujeitos à crítica), interagindo de forma não hierarquizada por relações de poder entre indivíduos, algo comum na vida cotidiana não digital. A imprensa é um ator muito importante nesse processo, sendo responsável por informar e validar fatos ao passo em que trabalha para preservar a democracia e a liberdade na esfera pública (MEDEIROS, 2013; ANECLETO, 2018).

Em relação ao espaço dialógico, as redes sociais representam uma evolução sem precedentes para a ampliação da comunidade discursiva de Habermas e Linklater, pois funcionam como ambientes de autorrepresentação pessoal, podendo os indivíduos expressar-se e defender a si mesmos em suas postagens, comentários e *tweets*, não dependendo assim de nenhum representante ou liderança política para tal. É espaço para tematizações e debates diversos, intentando-se, discursivamente, obter o entendimento mútuo sobre diversos assuntos. A argumentação é, pois, o mecanismo fundamental para os sujeitos validarem sua participação nesses ambientes, pois, quando esses buscam o consenso na comunicação inevitavelmente problematizarão questões através das pretensões de validade defendidas por Habermas: verdade (com os fatos apresentados em um argumento podendo ser verificados no mundo objetivo), legitimidade (os argumentos precisam ser moralmente válidos para os interagentes, levando-se em conta aspectos culturais, histórico-sociais, jurídicos, etc.), e inteligibilidade dos argumentos (para que seja compreensível a todos os participantes). (ANECLETO, 2018; LINKLATER, 1998).

Um compromisso a ser guiado pela força natural do melhor argumento é firmado sempre que os sujeitos trazem suas respectivas visões ao tribunal de discussão aberta e exploram as perspectivas de um consenso intersubjetivo. O relato de Habermas da teoria do discurso da moralidade exalta aspectos da comunicação que são universais, pois surgem sempre que os seres humanos cooperam para alcançar o entendimento. (LINKLATER, 1998, p. 119-120)

Os sujeitos ao participarem das esferas públicas tecnológicas, mesmo sem saber estarão fazendo uso dessas pretensões de validade sempre que buscarem a concordância dos demais com suas posições. Esse processo se caracteriza pelo que Habermas considera esfera pública, sendo as redes sociais espaços democráticos e de livre participação para todos. O diálogo é a essência da comunicação nesses espaços, pois os interagentes estão sempre imbuídos no processo argumentativo de problematização e negociação, “tendo como ponto de partida o uso comunicativo da linguagem voltado para o consenso, pretendendo atingir a universalização da ética do discurso nas esferas públicas virtuais” (ANECLETO, 2018, p. 310). Essa liberdade torna esses espaços digitais muito mais igualitários que o mundo objetivo das relações sociais, correspondendo às premissas básicas de Habermas para que ocorra uma boa comunicação:

(a) inclusão e caráter público: não pode ser excluído ninguém desde que tenha uma contribuição relevante a dar no contexto de uma pretensão de validade controversa; (b) igualdade comunicativa de direitos: todos têm a mesma chance de se manifestar sobre um tema; (c) exclusão da ilusão e do engano: os participantes têm que acreditar no que dizem; (d) ausência de coações: a comunicação deve estar livre de restrições que impedem a formulação do melhor argumento capaz de levar a bom termo a discussão

(HABERMAS, 2007, p. 60-61.)

No plano político, as redes sociais afetam as ações dos cidadãos perante o Estado. A capacidade de adquirir informações, expressar-se, associar-se e deliberar sobre temas diversos da agenda política, aumentam a possibilidade de organização e pressão pública aos políticos, governos e instituições das nações democráticas para mais transparência, abertura e diálogo. Entre diversas vantagens democráticas desse modelo de comunicação estão a interatividade e imediatismo na participação política (uma atitude insensata de um estadista ou civil é conhecida e exposta ao julgamento em tempo mínimo), a comodidade, conveniência e custo, a disponibilidade de informações *online*, e a oportunidade de expressão e afirmação de grupos minoritários ou excluídos. Sendo assim, os espaços discursivos digitais atuam como ferramentas de lapidação das instituições democráticas, sem abrir mão dessas, ao possibilitar mecanismos que fomentem a participação cidadã, como plebiscitos³ digitais, enquetes, etc. (LÉVY, 2010 e MARQUES, 2006 *apud* MEDEIROS, 2013).

No aspecto social, os internautas de forma geral buscam primeiramente expor suas opiniões em nichos de concordância, em busca de validação e segurança argumentativa (facilitados pelo uso de algoritmos pelas redes sociais), para depois aventurarem-se em grupos

³ Consulta direta ao cidadão relacionada a assuntos importantes da pauta legislativa ou executiva *antes* que a lei seja estabelecida, contrapondo-se ao *referendo* que se caracteriza pela consulta *após* ela ter sido elaborada e aprovada (BLUME, 2016).

com opiniões diversas, confrontando com ideias diferentes (acompanhando *hashtags* ou comentários de notícias, etc.). Ocorre então a deliberação, com a inclusão dos pontos apresentados pela outra parte e a exposição de causas e motivos que podem ou não serem validados no debate, abrindo possibilidade para a negociação. Esse seria um processo argumentativo racional, que ocorre quando os interlocutores debatem ideias de forma honesta, sem apelar para subterfúgios como ataques pessoais ou pretensões intelectuais petulantes e imodestas. Os processos dialógicos quando bem conduzidos, contudo, por si só acabam descreditando o valor dos posicionamentos que não atendem às pretensões de validade, e por meio das opiniões, debates, controvérsias e concordâncias acabam contribuindo para a formação de opinião dos observantes e para a própria individuação dos interagentes, promovendo o esclarecimento em assuntos políticos e sociais e aprimorando a capacidade crítica e argumentativa de todos os envolvidos no processo, qualificando o que Habermas define como uma das principais qualificações de um indivíduo com acesso à esfera pública: a formação educacional (MEDEIROS, 2013; ANECLETO, 2015).

As mídias sociais representam um salto evolutivo em relação ao avanço na globalização das informações. Não só os indivíduos tornam-se cientes de fatos que ocorrem em outro lado do planeta poucos minutos depois, sem necessidade de aguardar o próximo noticiário, como também a pluralidade do número de veículos de mídia que noticiam o fato os coloca em contato com diferentes perspectivas sobre o mesmo tema (seria Bashar al-Assad um ditador sanguinário como retratado no *The New York Times* ou um líder democraticamente eleito e expoente da resistência ao imperialismo ocidental como informa o *Sputnik News*?). Essa amplitude de temas e visões acaba levando ao questionamento dos próprios veículos de informação e de sua pretensa imparcialidade. Lévy (2001) coloca que a Internet, em oposição aos canais de mídia, religiões e governos, não pretende representar ninguém. É um espaço não hierárquico e que abarca uma multiplicidade aberta de pontos de vista, sem uma unificação nivelada. É também, um espaço não territorial, ou seja, não é escasso. Mesmo se um veículo ou perfil ocupa muito espaço não tira nada dos demais, havendo sempre mais espaço, indefinidamente. Nesse ponto, ao menos parcialmente, podemos colocar que a internet representa o que Linklater (1998) chama de uma sociedade internacional pluralista, onde sociedades radicalmente diferentes se engajam no diálogo umas com as outras, respeitando princípios básicos de ordem e coexistência (LÉVY, 2001; LINKLATER, 1998; SPUTNIK, 2015).

Os impactos sociais dessa globalidade dos meios digitais podem ser observados em múltiplos movimentos na última década, tanto em protestos que começaram nas redes e se estenderam para o mundo objetivo, como as manifestações de 2013 contra o aumento das passagens no Brasil, quanto em situações que ocorreram em determinado ponto do planeta e, amplificadas pelas redes sociais, acabaram criando comoção e mobilização a nível internacional. A autoimolação do comerciante tunisino Mohamed Bouazizi após o confisco de seus produtos pela polícia em 2010, por exemplo, gerou uma série de protestos tanto em seu país - derrubando o presidente que já estava há duas décadas no poder -, quanto globalmente, pois representou o estopim para a chamada Primavera Árabe, protestos com resultados diversos que se estenderam por países do Oriente Médio e norte da África nos anos seguintes. Outro exemplo de uma fatalidade que acabou gerando comoção e protestos a nível internacional foi o assassinato de George Floyd por um policial em Minnesota, nos EUA, recentemente. O movimento *Black Lives Matter* se fortaleceu e em diversos países ocorreram protestos e manifestações, tanto digitais quanto no mundo objetivo, contra a brutalidade policial e o racismo, causando o que o sociólogo Pierre Lévy chama de “efeito dominó” (CARVALHO, 2020; GONÇALVES e CÔRBO, 2015).

Culturalmente, a internet tem promovido um maior multiculturalismo no planeta, não centrado somente no *soft power*⁴ americano promovido pelos filmes de Hollywood, embora este ainda seja dominante, mas incorporando diversos aspectos de outros países à cultura local, passando pela gastronomia, artes visuais, música, esportes, saúde, literatura, etc. Essa conexão global com diversas culturas aumenta o sentimento de pertencimento a uma aldeia planetária. Porém, como coloca Lévy (2001), as relações centro-periferia no sistema internacional permanecem, não mais no formato estadocêntrico das décadas passadas, mas em torno das metrópoles que são redes desterritorializadas de inteligência coletiva, abrigando “todas as sociedades de planetários densamente conectados com o resto do mundo, bem como os excluídos cujo modo de vida se aproxima daquele que prevalece nas regiões mais deserdadas do planeta” (LÉVY, 2001, p.32), como uma representação do todo na parte. Essa nova configuração geopolítica aproxima as demandas e anseios de sociedades muito distantes e dispare, e é capaz de alavancar movimentos sociais pela disseminação de pautas globais, influenciando e transformando o espaço político local. A internet, nesse contexto, serve como uma arena política discursiva, uma ágora universal, onde os atores sociais se mobilizam, tematizam

⁴ Conceito desenvolvido pelo teórico Joseph Nye e que diz respeito ao poder exercido pelo Estado sem o uso do militarismo. Entende-se como o “poder sutil” exercido pelas produções cinematográficas, músicas e outros aspectos culturais (N. do A.)

e discutem pautas, e tomam decisões com base no contraste entre as posições internas e as experiências globais (LÉVY, 2001; MEDEIROS, 2013; GONÇALVES e CÔRBO, 2015).

A ampliação da comunidade discursiva através da internet e a democratização dos debates fez com que ocorresse uma menor desigualdade de posicionamento na esfera pública e maior fluidez das tematizações. De forma livre e democrática, os sujeitos usam a linguagem como instrumento para a construção da ética do discurso. Embora não há garantias da transição do discurso para a ação comunicativa, idealizada por Habermas, quando há a maturidade dos interagentes e o respeito subjetivo às pretensões de validade, oportuniza-se a participação de todos que possam contribuir com o discurso e a possibilidade de um consenso em torno do melhor argumento. A força do melhor argumento, de acordo com Linklater (1998), tem por si só poder para expandir as fronteiras das comunidades dialógicas, e toda outra forma de solução de problemas se mostra ineficaz, pois não leva em conta a consideração de todos os indivíduos afetados pela discussão, fazendo com que qualquer decisão coletiva tomada nesses termos seja impositiva e as discordâncias permaneçam não resolvidas. Dessa forma, as redes sociais são o mais próximo que já chegamos de uma comunidade dialógica, e, com o desenvolvimento dos debates, são ferramentas importantes no processo da emancipação humana (ANECLETO, 2015; LINKLATER, 1998).

As redes sociais, dessa forma, tornam-se o local para a liberdade comunicativa, ambiente possível para sujeitos apresentarem suas posições frente aos argumentos uns dos outros. Mesmo assim, um grande desafio para a ética do discurso é possibilitar, em uma sociedade com grandes desigualdades de acesso e participação nas redes sociais, o diálogo livre e igualdade de interação na esfera pública virtual, oportunizando aos interagentes a defesa de seus argumentos e, assim, a produção do acordo racionalmente motivado.
(ANECLETO, 2015, p. 315)

4.2 Fake News: desafios para o diálogo

Embora as redes sociais representem um avanço em relação à comunidade dialógica sonhada por Habermas e Linklater, ela ainda não é um processo finalizado, e sim um ponto em um percurso onde há muito mais a ser percorrido. Bruxel (2004 *apud* MEDEIROS, 2013) coloca que as redes sociais serão de fato democráticas quando essas se configurarem como “um novo espaço, de uma esfera pública mundial, pela garantia de que todos os cidadãos possam ter acesso a informações confiáveis, de forma que estejam em condições de participar do debate”. Dessa forma, as chamadas “*fake news*” (notícias falsas) tornaram-se um desafio para a sobriedade dos debates nas mídias sociais, pois induzem uma parcela da população ao erro em seu julgamento, propagando essas informações de forma muitas vezes indeliberada, e

outras de forma intencional e estratégica por grupos políticos visando angariar vantagens e apoio para seus projetos de poder (MEDEIROS, 2013).

Líderes como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Boris Johnson, atuais presidentes dos Estados Unidos, Brasil e primeiro-ministro britânico, respectivamente, são acusados de criar e propagar *fake news* de veículos de imprensa alternativos, financiados por grupos aliados, ao passo em que atacam sistematicamente a imprensa tradicional. Essa dinâmica é explicada no livro *Engenheiros do Caos* (2019) do cientista político italiano Giuliano da Empoli. Nele, o autor reflete sobre o absurdo de um chefe de Estado lançar dúvidas sobre um processo eleitoral sem apresentar provas concretas, pagar canais para disseminar mentiras e proferir teorias conspiratórias diversas em caráter de discurso oficial, visando confundir a opinião pública, atacar adversários e pôr em dúvida a quem pode atestar a inveracidade de suas posições, sejam técnicos, a imprensa, ou a própria ONU. As *fake news* tem se mostrado um meio eficiente de disseminação do ódio e do medo para fins eleitoreiros, e ameaçam a democracia em todo o mundo. Consiste em um jogo arrojado e intrincado que avalia algoritmos para indicar conteúdo para seu público alvo (EMPOLI, 2019, O GLOBO, 2020).

Existem empresas especializadas em *Big Data*⁵, como a Cambridge Analytica, que oferecem seus serviços para políticos e empresas, utilizando-se de técnicas psicométricas, e uma equipe técnica que se empenha para mudar o rumo de uma campanha utilizando-se da internet para tal. Seja pelo Twitter, através de robôs que produzem conteúdo para elevar assuntos aos *Trending Topics* (Assuntos do Momento), ou pelo WhatsApp comprando milhares de números de telefones para bombardear os usuários com mensagens e *fake news*, a estratégia adotada consiste em, basicamente, produzir material que endosse o discurso no qual se baseia a propaganda populista dos políticos que contratam seus serviços. Atrás de uma campanha aparentemente barata, há o financiamento massivo de empresários aliados para essa estratégia não ortodoxa de angariar apoio e votos (EMPOLI, 2019, O GLOBO, 2020).

No mundo de Donald Trump, de Boris Johnson e de Jair Bolsonaro, cada novo dia nasce com uma gafe, uma polêmica, a eclosão de um escândalo. Mal se está comentando um evento, e esse já é eclipsado por um outro, numa espiral infinita que catalisa a atenção e satura a cena midiática. [...] No entanto, por trás das aparências extremadas do Carnaval populista, esconde-se o trabalho feroz de dezenas de *spin doctors*⁶, ideólogos e, cada vez mais, cientistas especializados em *Big Data*, sem os quais os líderes do novo populismo jamais teriam chegado ao poder. (EMPOLI, 2019, p. 11)

⁵ “Área do conhecimento que se dedica a lidar com quantidade de dados tão extensa que é impossível analisá-los pelos sistemas tradicionais. Presente também na ciência e em diversos campos, têm sido amplamente utilizada para potencializar e monetizar dados de usuários das redes sociais.” (EMPOLI, 2019, p. 298)

⁶ Consultores políticos que se ocupam, diante de determinada situação de impasse, crise ou estagnação, em identificar a direção capaz de mudar a tendência a favor de um candidato ou campanha (EMPOLI, 2019, p.298).

Essa estratégia apesar de ter surtido melhor resultado nos países supracitados, é aplicada no mundo inteiro. Diversos candidatos e partidos conservadores mostraram excepcional força em nações que tradicionalmente não davam tanto respaldo a tais visões. É o caso de Marine Le Penn, vice-campeã na corrida presidencial francesa de 2017; o poder crescente do VOX, partido de extrema-direita espanhol; e diversos grupos e personagens políticos que se “reorganizaram e expressam-se no centro da galáxia dos novos populismos que, do Leste Europeu aos Estados Unidos, passando pela Itália, a Áustria e os países escandinavos, dominam cada dia um pouco mais a cena política de seus respectivos países” (EMPOLI, 2019, p. 46). A agenda comum de tais figuras é portarem-se como o oposto às elites tradicionais políticas de esquerda e direita, embora ataquem com mais ênfase às esquerdas e explorem isso como forma de contrastar e marcar suas posições. Ultranacionalistas, conservadores e geralmente ligados a elites religiosas cristãs, os “nacionais-populistas” adotam um estilo transgressor às avessas, visando desintegrar a visão da esquerda e do politicamente correto (idem, 2019).

Ao explorarem os medos e repulsas dos indivíduos, os fabricantes de *fake news* não buscam unir as pessoas em torno de um projeto comum, e sim de um inimigo comum a todas elas. Todo o esforço desses grupos é para manter acesa a chama da ira e assim sustentar seus representantes como o herói lutando constantemente contra a indecência, o cinismo e o desvio de caráter dos grupos adversários. Não por acaso, um estudo da Universidade de Princeton em 2016 mostrou que o público mais propenso a compartilhar tais notícias é o mais conservador e alinhado a posição ideológica de (extrema-) direita. Os dados do levantamento apontaram que *baby boomers* acima de 65 anos compartilharam sete vezes mais *fake news* em comparação com os *millennials* com idade entre 18 e 29 anos, de acordo com a segmentação etária utilizada na pesquisa. O estudo levou em consideração o bipartidarismo americano na pesquisa, e constatou que 18,1% dos republicanos compartilharam alguma notícia falsa no período analisado ante apenas 3,5% dos democratas. Entre as razões para tais diferenças estão a menor familiaridade dos mais idosos com as mídias digitais, o que leva a um menor discernimento crítico das reportagens, e também a convergência de opiniões e valores com os grupos mais sectários, tradicionalistas e avessos ao progressismo desses tempos (EMPOLI, 2019; DEVITT, 2019).

Para os novos Doutores Fantásticos da política, o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia. Para conquistar uma maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos.
(EMPOLI, 2019, p. 13)

Tal tipo de comunicação, entretanto, possui uma faceta libertária. O escárnio de tais grupos e personalidades tem se tornado uma ferramenta muito eficaz na dissolução de hierarquias há muito consolidadas no cenário político dos países em que atuam. O absurdo de uma realidade caricata tem confundido e desestabilizado a velha ordem dominante, abrindo novas possibilidades para a sucessão do “Carnaval”, como define Empoli (2019). O autor avalia esse momento da história como um mundo às avessas, mas por onde se identificam os tabus, as hipocrisias e as falsas simetrias de uma sociedade latente por uma revolução. Esse novo modelo de política, ainda que totalmente tosco, veio decretar o fim das velhas lógicas políticas. Ele reflete um mundo menos racional, previsível e controlável, não mais subdividido em classes e escolhas ideológicas, com escolhas políticas coerentes e constantes. Na “política quântica” dos novos tempos, cada indivíduo vive o seu próprio mundo, bombardeado com informações sob medida de acordo com suas buscas e *likes* nas redes sociais, sendo este invisível aos olhos dos demais. Infelizmente, pessoas mal intencionadas perceberam essa nova dinâmica individualista mais cedo que os demais. Mas como esse modelo político é muito recente, ele se apresenta como um projeto rudimentar - um piloto - a partir do qual está sendo lapidado e se desenvolve para a conformação desse cenário na sociedade contemporânea (EMPOLI, 2019).

Diversas estratégias estão sendo adotadas por empresas, governos e instituições para combater as *fake news* e tornar os debates nas plataformas mais reais e engajados. O Facebook, por exemplo, depois de estar no epicentro de um escândalo mundial envolvendo a venda de dados para a Cambridge Analytica, tem criado diversas ferramentas para o reconhecimento de tais conteúdos, tanto no Facebook quanto no Instagram, tais como ferramentas de checagem de fatos (*fact checking*), rótulos de aviso em conteúdos de procedência duvidosa, suspensão de usuários e páginas que compartilham ou criam tais conteúdos, de forma temporária ou definitiva, e a limitação aos usuários do WhatsApp (serviço de mensagens instantâneas da marca) de poder repassar mensagens virais apenas para um único contato de cada vez. O Twitter é outra rede social que recentemente adicionou um recurso de combate às *fake news*, além de ampliar parâmetros para identificar *spams* e contas falsas (robôs). No âmbito internacional, vários países tem aplicado regulação de forma institucional contra a disseminação de tais notícias, tendo maior aderência das nações após o início da pandemia do vírus COVID-19, que tem se propagado neste ano, com 132 países assinando um compromisso de lutar contra a desinformação na internet. Tais medidas ajudam no processo dialógico defendido por Habermas e Linklater, pois dificultam a irresponsividade

às pretensões de validade da ética discursiva, além de aprimorarem o senso crítico dos interagentes. Porém, é necessária atenção para que tais regulações não sejam mecanismos de governos para o cerceamento à liberdade de expressão e de imprensa, fundamentais para ampliação da comunidade dialógica (FOLHA, 2020; CHADE, 2020; DEMARTINI, 2018).

Independentemente de ações estarem sendo tomadas para suplantar a desinformação e desonestidade no cenário político, o cenário objetivo atual pode causar desesperança e levar a crer que o processo emancipatório teorizado por Linklater se encontra na contramão do rumo que a História vem tomando. De fato, o que essa nova política tem nos mostrado é um aumento do nacionalismo, a valorização das tradições e o menosprezo pelas organizações internacionais, a total antítese do que se espera de uma comunidade política pós-westfaliana. Do ponto de vista dialógico, porém, essa emancipação não se dará do dia para a noite, e os ciclos do cenário político fazem parte deste processo. O método dialógico é, portanto, inclusivo, abraçando todas as aparentes contradições da vida política. Um cenário a primeira vista adverso pode ser potencializador ainda maior desse processo, do que longos períodos de remanso político e social. Este cenário acaba externando opiniões, ideias e posições que antes operavam no obscurantismo. Uma vez expostas, essas são vulnerabilizadas às críticas, e o conhecimento pode lançar luz às opiniões e juízos da comunidade dialógica, podendo desenvolver o debate e alcançar indivíduos que não teriam acesso a tal dimensão do discurso por outros veículos. Este é um processo muitas vezes difícil, desgastante, o resultado é frequentemente incerto, nem sempre resultando em consenso e muitas vezes os interagentes acabam apegando-se com mais afinco a suas próprias opiniões. Entretanto, ainda assim os interagentes desenvolvem suas razões, atualizam informações, e o debate cumpre seu papel no processo de individuação e esclarecimento dos sujeitos discursivos. O agir comunicativo ocorre de forma múltipla, contínua e com infinitas tematizações, provocando transformações tanto nos atores discursivos quanto nos espectadores, sendo fundamental para a transcendência de questões e valores há muito tempo enraizados na sociedade. Como colocam Strauss e Howe (1997): “a quarta virada é uma era decisiva de revolta secular, quando o regime de valores impulsiona a substituição da antiga ordem cívica por uma nova” (LINKLATER, 1998; STRAUSS; HOWE, 1997).

No ápice da crise de acordo com as premissas de Strauss e Howe (1997), é fundamental avaliar como se comporta a geração heroica dessa era: os *millennials* (STRAUSS; HOWE, 1997).

4.3 Os *millennials* e a revolução digital

Ao tematizarmos a geração *millennial*, precisamos considerar a vanguarda dessa geração em relação às mídias sociais e à internet. Essa foi a primeira geração a ter nativos na era digital e também a geração de transição entre o que Moravec (2013, *apud* BALLADARES) chama de sociedade 2.0 (sociedade industrial) para a sociedade 3.0 (sociedade do conhecimento). De uma perspectiva dialógica, os *millennials* têm até aqui protagonizado a participação nos espaços de discussão nas redes sociais. Figurando entre os jovens adultos de hoje, tendo entre 18 e 38 anos de idade, eles representam a maioria dos usuários entre as redes sociais mais dialógicas (Facebook e Twitter⁷), representando mais de 50% dos acessos no Facebook no Brasil e mais de 40% nos EUA (COX, 2019; WEFORUM, 2019; STATISTA, 2020).

Como protagonistas do cenário dialógico contemporâneo, os *millennials* se caracterizam como uma geração que não se adequam às estruturas políticas tradicionais, com menor engajamento e filiação político-partidária do que as gerações que os precederam. No Brasil, o número de filiados partidários entre os jovens tem decrescido a cada ano, enquanto nos EUA, onde o voto é facultativo, muitos jovens entre 18 e 38 anos decidem abster-se, devido principalmente à descrença no cenário político tradicional (CHEUNG 2020; GOMES; WAINER, 2019). Na Europa, partidos *millennials* tem surgido e buscado representatividade face à onda neoconservadora que tem emergido na última década. Tais partidos são favoráveis à posição de seus países na União Europeia, apresentam políticas voltadas à questão climática, imigrações e desigualdade social, problemas esses que consideram transpassar as barreiras entre Estados (ELBAUM; *et al.* 2019). A desilusão com o *establishment* da geração não significa que são menos politizados. Mais instruídos que os seus ascendentes, os *millennials* tem mais conhecimento dos problemas sociais e buscam alternativas de atuação local e engajamento em movimentos apolíticos (*Black Lives Matter*, movimentos feministas, pró-LGBTQ, etc.), e não veem na estrutura burocrática e hierarquizada dos partidos a solução para a pluralidade de pautas e questões identitárias que defendem (GOMES; WAINER, 2019; SANTOS, 2018).

Nos EUA, porém, um candidato democrata realmente atraiu a simpatia desse público. Bernie Sanders, um senador da ala socialista do partido, obteve impressiva aceitação entre os mais jovens nas duas últimas primárias democratas americanas. Em 2016 contra Hillary

⁷ Por serem espaços de tematizações político-sociais a permitirem interação entre usuários por afinidade, bem como entre aqueles com visões de mundo totalmente distintas.

Clinton, foi muito além do projetado pelos especialistas e obteve mais de 80% dos votos entre os jovens de 18 a 30 anos em estados importantes como Iowa, New Hampshire e Nevada. Em 2020 ele esteve liderando as prévias contra Joe Biden e outros candidatos, mas deixou a corrida em abril deste ano, após perder a “Super Terça” para Biden. De toda forma, o socialista teve expressiva vitória entre os mais jovens ante seu oponente. A desistência consistiu em estratégia para não fazer “sangrar” o candidato democrata antes das finais contra Donald Trump, como ocorreu em 2016 (THOMPSON, 2016; CIRCLE, 2020). Entre as propostas de Bernie que tanto atraem o apoio dos jovens estão: educação superior e sistema de saúde gratuitos, perdão das dívidas estudantis (financiado pela taxa das transações de *Wall Street*), política de controle de armas, apoio ao *Green New Deal*⁸, e pautas sociais como legalização do uso recreativo da maconha, a defesa do casamento entre pessoas de mesmo sexo, o direito do aborto seguro às mulheres, defesa dos imigrantes, entre outras pautas consideradas radicais até mesmo para a maioria dos democratas, mas que repercutiu entre os *millennials* americanos (HARVARD, 2019; LEBLANC, 2020).

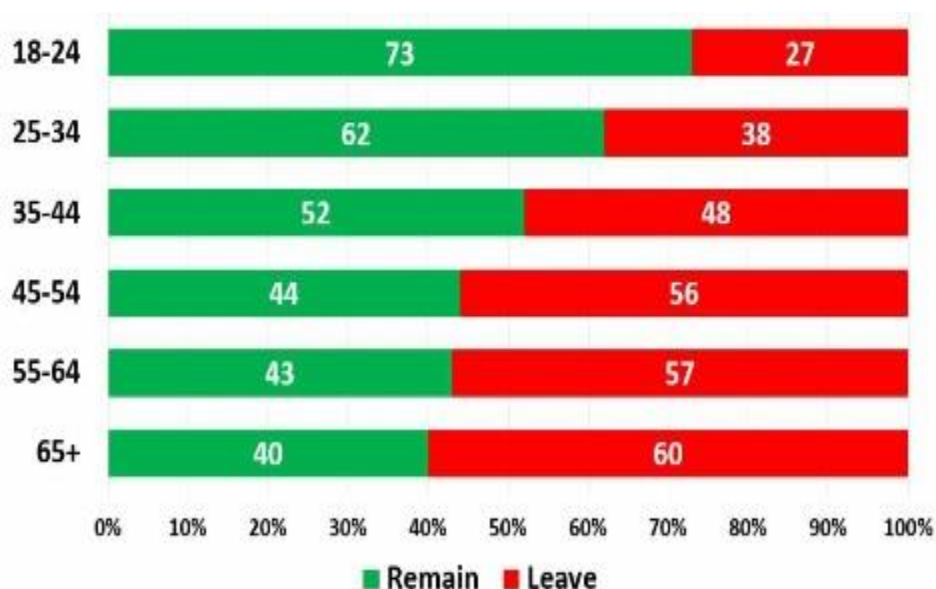
Sanders não foi o único candidato de esquerda a receber amplo apoio dos jovens. Nas últimas eleições presidenciais francesas, o candidato mais votado pela parcela mais jovem do eleitorado, não foi nem o centrista Emmanuel Macron, nem a aposta da direita Marine Le Penn, e sim o candidato da esquerda Jean-Luc Mélenchon, que fez 27% dos votos entre os eleitores de 18 a 34 anos, contra 23% de Macron e 22,5% de Le Penn (HALLAL-PECHE, 2017). Mélenchon não passou para o segundo turno (embora tenha ficado a menos de 2% atrás de Le Penn), mas mostrou a força política e os anseios dos jovens franceses, subindo mais de 7 pontos no último mês de campanha. Com discurso semelhante ao de Sanders (e apoiado por esse), o candidato da esquerda defendia a permanência da França na União Europeia, o fim da Quinta República Francesa e até a saída da OTAN (VICENTE, 2017).

Outro evento que vale ser citado pela expressiva participação dos *millennials* é o referendo sobre a permanência do Reino Unido da União Europeia (UE), apelidado de BREXIT, em junho de 2016. Motivado, sobretudo, pela crise econômica que afetava a Europa e também pela crise dos refugiados, o referendo decidiu pela saída do país do bloco, numa vitória muito apertada (51,8% pela saída contra 48,2% pela permanência). Porém, segundo dados do instituto de pesquisa britânico *Lord Ashcroft Polls*, os jovens de 18 a 34 anos votaram em ampla maioria contra essa decisão, demonstrando uma maior cidadania global e

⁸ Série de propostas de cunho ambiental e econômico com o fim de combater as mudanças climáticas e diminuir as desigualdades sociais (NEW SCIENTIST, 2019).

um maior respeito e tolerância às diferenças entre os *millennials* britânicos se comparado com as gerações precedentes, conforme mostra o Gráfico 5 a seguir (HALLAL-PECHE, 2017).

Gráfico 5 - Votação britânica no BREXIT por faixa etária



Fonte: ASHCROFT, 2016, *apud* HALLAL-PECHE, 2017

Os episódios políticos supracitados não são casos isolados, e através do campo dialógico digital, novos movimentos de esquerda (embora nem todos autoproclamem-se desta forma) têm conquistado e conscientizado jovens em diversos países. As vitórias até o momento foram pontuais e modestas, mas já chamam a atenção do *establishment* ao trazerem questões a serem discutidas e a exporem as hipocrisias da política tradicional. A revista *The Economist* (2019) em uma reportagem chamada “A ascensão do socialismo *millennial*” traz que a preocupação com a desigualdade social, questões ambientais e liberdades sociais tem elevado a temperatura na cena política europeia, e provocado uma reação conservadora a que a publicação atribui as vitórias da extrema-direita no continente (THE ECONOMIST, 2019).

Enquanto os políticos da direita muitas vezes desistiram da batalha de ideias e se retiraram para o chauvinismo e a nostalgia, a esquerda se concentrou na desigualdade, no meio ambiente e em como investir o poder nos cidadãos, e não nas elites. [...] Os socialistas *millennials* pontuam que a desigualdade saiu do controle e que a economia é manipulada em favor de interesses pessoais. Eles acreditam que o público anseia que a renda e o poder sejam redistribuídos pelo Estado para equilibrar as escalas. Para eles, a miopia e o lobby fizeram com que os governos ignorassem a crescente probabilidade de uma catástrofe climática. E acreditam que as hierarquias que governam a sociedade e a economia - órgãos reguladores, burocracias e empresas - não servem mais aos interesses do povo comum e devem ser “democratizadas”.

(THE ECONOMIST, 2019 – tradução livre).

As ânsias de ascensão social frustradas pelo momento de crise global, a urgência das pautas de grupos identitários (casamento igualitário, direito ao aborto às mulheres, fim da discriminação racial), a preocupação com a questão ambiental e a disparidade gritante dos nossos tempos fez surgir outros líderes, além de Bernie Sanders e Mélenchon, que refletem as preocupações dessa parcela da população como a congressista estadunidense Alexandria Ocasio-Cortéz, o ex-líder do Partido Trabalhista britânico Jeremy Corbyn e o atual presidente da Espanha, Pedro Sánchez. Todos esses líderes propõem uma transição para um modelo econômico mais justo, mais respeito às liberdades individuais e o investimento na transição energética para um modelo mais sustentável da própria economia capitalista. Esse movimento surge como uma resposta à crise que se arrasta por mais de década em todos os continentes, as políticas de austeridade aplicadas pelos governos, o endividamento dos jovens, e o abuso dos bancos, empresas farmacêuticas, serviços de saúde, empresas multinacionais, etc., que através de *lobby* interferem nas decisões estatais para angariar vantagens econômicas em detrimento do bem-estar social, refletindo o desgaste do modelo neoliberal aplicado nas últimas décadas (SACCHI, 2019; VALLESPÍN, 2019).

A ascensão dessas pautas e clamores, contudo, não viria sem reação. Bernie Sanders falhou em chegar a final da eleição americana duas vezes; longe disto, a vitória foi para um candidato anti-imigração, pró-armas, oriundo do próprio sistema financeiro e cético climático: Donald Trump, que agora concorre à reeleição. No Reino Unido, a maioria britânica votou pela saída do país da União Europeia, mostrando uma distância enorme na votação entre os jovens e os *baby boomers*. Três anos depois, os mesmos elegeriam o ultraconservador Boris Johnson e logo Jeremy Corbyn deixaria a liderança do Partido Trabalhista para o moderado Sir Keir Starmer (WILLIAMS, 2020; MERELLI, 2019). Mélenchon não foi o único líder a despontar nas eleições francesas de 2017; a ultraconservadora Marine Le-Penn conseguiu levar seu partido de extrema-direita, o Frente Nacional, pela segunda vez na História ao segundo turno do pleito (sendo a primeira disputada por seu pai Jean-Marie Le Pen em 2002). O discurso de Trump, Johnson, Le Pen, Bolsonaro e outros líderes de direita e extrema-direita que ascenderam ao poder nos últimos anos apresentam posicionamentos semelhantes entre si como o ultranacionalismo (e afastamento de blocos e organizações internacionais), oposição às políticas migratórias, ceticismo climático, discurso armamentista, e oposição a temas sociais como legalização do aborto e drogas. Tais figuras, sem exceção, contam com maior apoio entre os *baby boomers* e *Gen Xers*, e representam a antítese do que reivindicam os *millennials*. A balança de poder, no entanto, tem pendido para o lado desses, o que explica as

sucessivas derrotas da esquerda em diversas nações ocidentais nos últimos anos (MERELLI, 2019; MOORE, 2019).

Nos últimos meses, porém, controvérsias e pesquisas mostram descrédito e acentuada perda de apoio popular de alguns desses líderes. Donald Trump aparece em pesquisa recente para a eleição de novembro perdendo por 14 pontos percentuais do candidato democrata Joe Biden (O TEMPO, 2020). Trump, Boris Johnson, no Reino Unido, e Bolsonaro, no Brasil, enfrentam perda de popularidade em seus respectivos países tanto devido à ineficiência nas medidas de combate ao vírus COVID-19, quanto por desavenças entre os poderes, escândalos envolvendo aliados e (no caso de Bolsonaro) familiares, exposições de falácias e *fake news*, guerra aos veículos de mídia e esgotamento do discurso reacionário que vem surtindo menos efeito na aceitação popular. A desaprovação dos líderes de direita Trump, Johnson e Bolsonaro estão hoje, respectivamente, em 58%, 63% e 54%, ao passo em que a aprovação situa-se na margem de 39%, 28% e 21%, na devida ordem (O GLOBO, 2020; HUSSEIN; WALTERS, 2020; CORRÊA, 2020). Tais números, se permanecerem, podem indicar uma guinada na política de tais países nos próximos meses para a ascensão de candidatos mais moderados e conciliadores dos dois campos (ou gerações), iniciando possivelmente com a eleição de Biden para a Casa Branca.

5 Considerações finais: possibilidades para a emancipação

O posicionamento dos *millennials* nas pautas sociais e políticas apresentadas mostram uma aproximação ideológica com as premissas de Linklater para a emancipação da comunidade política. As aquiescências entre os pressupostos presentes na obra do autor e as características dessa geração, observadas nas comparações com seus ancestrais, bem como seu posicionamento e protagonismo na esfera digital/dialógica, explanado nos tópicos 3 e 4, serão retomados nessa conclusão a fim de entender efetivamente as possibilidades presentes para essa emancipação.

Importando para as relações internacionais a ética discursiva de Habermas, Linklater (1998) defende que o método dialógico é por excelência o meio mais adequado para a resolução de conflitos a nível local e global, e a ampliação e democratização da comunidade discursiva o caminho para a obtenção desse fim. A ascensão da internet e, sobretudo, das redes sociais, possibilitou o espaço para a troca de informações e posicionamentos, sempre sujeitos à constante crítica e embate de argumentos que possibilitam a consecução da ética do discurso habermasiana, desde que respeitadas suas pretensões de validade. O embate de posições radicalmente diferentes amplia as fronteiras dialógicas da comunidade discursiva e, como visto, atua no processo de esclarecimento e individuação dos interagentes. Os *millennials* são a principal geração atuante nas redes sociais que permitem o embate opinativo, sendo protagonistas neste processo e trazendo pautas e reivindicações novas para a rede dialógica. De acordo com o exposto, conclui-se que as redes sociais representam um avanço em relação à comunidade dialógica idealizada por Habermas e Linklater, por possibilitarem a liberdade de expressão e opinião, a garantia de informações e a sujeição às críticas, necessárias para a condução da formação educacional dos indivíduos (LINKLATER, 1998; MEDEIROS, 2013; ANECLETO, 2015).

Outro ponto importante na obra de Linklater é a indagação das formas de exclusão dentro das sociedades, e a busca pela diminuição das disparidades econômicas e sociais, que seria resultante do processo de questionamento e críticas das estruturas que as produzem, e, por conseguinte, não se sustentariam à luz de uma ética universalista. Nesse interim, a descrença dos *millennials* nas estruturas político-partidárias e a aproximação desses com líderes que reivindicam em caráter urgente maior justiça nas questões sociais, econômicas e ambientais, abre a possibilidade para uma renovação política para os próximos anos. Nesse ponto, porém, o desafio se apresenta maior, pois em contraponto aos representantes que tem

emergido na esquerda, surgiram diversos líderes e movimentos à direita, de caráter ultranacionalista e conservador, que representam a antítese dos valores e aspirações dos *millennials*, bem como dos pressupostos para a emancipação da comunidade política defendidos por Linklater. Esses representantes tem conseguido maior apoio popular, mesmo sob a repulsa da maioria dos jovens, e se elegeram em países importantes no sistema internacional como Estados Unidos, Reino Unido e Brasil; utilizando-se para tal de meios não ortodoxos de campanha como *fake news* e ataques a mídias e opositores. A percepção desses grupos de um novo formato político, impulsionado por algoritmos e a exploração das aversões de seus apoiadores, trouxe um novo desafio para o contexto político: combater as mentiras e a indução ao engano, para reestabelecer a disputa ideológica pura, sem articulações de caráter desonesto. Medidas estão sendo tomadas por empresas e governos para isso. A popularidade de tais líderes não se mantém vigorada no momento atual, afetada tanto pela ineficiência de sua política de saúde e combate ao vírus COVID-19, quanto por inconsistências, disputa de poderes, ataques à mídias e instituições e escândalos com aliados. Se as demandas *millennials* e as proposições para um mundo mais igualitário de Linklater conseguirão ter mais sucesso a partir desse cenário, é incerto até o momento, não podendo ser respondido por essa pesquisa (LINKLATER, 1998).

O aumento do sentimento de pertencimento global, o respeito e interesse pelas diferenças culturais, e o comprometimento com pautas libertárias sociais dos *millennials* podem ser exemplificados na comparação com as gerações precedentes, sendo estes mais criativos, realizadores e desafiadores e menos conservadores e sociáveis, como ilustrado no capítulo 3; ou nos exemplos políticos expostos na análise (capítulo 4). A votação do BREXIT, bem como o apoio a Mélenchon na França e Sanders nos EUA, indica uma inclinação solidária dos jovens para com imigrantes e povos diferentes. A oposição aos candidatos ultranacionalistas também dá sinais de que para os beneficiados pela cultura *online* não faz tanta diferença a identificação nacional, corroborando a visão de Linklater de que sentimentos nacionalistas perdem força a medida que os indivíduos são expostos a outras culturas. O ambiente dialógico digital favorece o interesse pelo diverso e o sentimento de pertencimento a uma aldeia global interconectada (LINKLATER, 1998; LÉVY, 2010).

O trabalho de Linklater é pautado no axioma kantiano de uma ética universal, que guia a todos os seres em seu processo evolutivo em direção a um mundo mais humano, justo, solidário e menos desigual e intolerante. Ao observarmos os diferentes posicionamentos dos *millennials* em relação aos *Gen Xers* e *baby boomers*, podemos interpretar de uma forma

evolutiva e validar a concepção teleológica da natureza humana defendida por Kant, assim como podemos observar a transformação da comunidade política do seu interior, como passageiros de um trem que chegou a uma velocidade supersônica e, de acordo com os prismas utilizados para esse trabalho, possivelmente pode chegar onde Linklater espera. E estamos mais próximos deste destino do que estávamos no final do século passado. Porém, os trilhos do presente estão sendo mapeados enquanto são percorridos. Podemos visualizar só o que há diante de nós, e se nosso roteiro de viagem fará sentido algum dia, é algo que só saberemos lá na frente. Este trabalho se dedicou a explorar possibilidades a partir do prisma das gerações com enfoque nos *millennials*. Dentro dessas possibilidades há um universo de esperança em um mundo menos desigual, mais pacífico e humano, sonhado coletivamente por essa geração. Este trabalho se permite a poética dos sonhadores, indiferente à rigidez das estruturas e avaliações, pois entende que é nas rupturas que achamos o caminho para o paraíso. Essa perspectiva se propõe a avaliar o mundo sob um prisma otimista, daqueles que optam por sentar do lado do trem com vista para a Estação da Luz, sob a primavera da esperança, no melhor dos tempos. E que temos Tudo diante de nós.

REFERÊNCIAS:

- ALTER, Lloyd. **It's the Boomers 'Wot Won It'**. *Treehugger*. 6 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.treehugger.com/its-boomers-wot-won-it-4860606>> Acesso em: 27 jun. 2020.
- ANECLETO, Úrsula Cunha. **Tecnologias digitais, ação comunicativa e ética do discurso em redes sociais**. In: Periódicos UFMG. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/12280>> Acesso em: 15 jun. 2020
- BALLADARES, Jorge. **Una ética digital para las nuevas generaciones digitales**. Revista PUCE. Quito, 3 maio. 2017. Disponível em: <<http://www.revistapuce.edu.ec/index.php/revpuce/article/view/81/174>> Acesso em: 24 jun. 2020.
- BERRY, David. **Revisiting the Frankfurt School: Essays on Culture, Media and Theory**. Ashgate Publishing, 2011.
- BUCHAN, Lizzy. **Coronavirus: Boris Johnson's popularity ratings fall as 'rallying around effect' starts to fade, new poll shows**. *The Independent*. 22 maio. 2020. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/uk/politics/coronavirus-boris-johnson-popularity-ratings-coronavirus-poll-a9529046.html>> Acesso em: 24 jun. 2020.
- CARLSON, Elwood D. **The Lucky Few: Between the Greatest Generation and the Baby Boom**. New York: Springer, 2008.
- CARVALHO, Anna Célia. **O efeito dominó – A internet como território ativista e ferramenta política**. Instituto de Referência em Internet e Sociedade. Belo Horizonte, 15 jun. 2020. Disponível em: <<https://irisbh.com.br/o-efeito-domino-a-internet-como-territorio-ativista-e-ferramenta-politica/>> Acesso em: 19 jun. 2020.
- CHADE, Jamil. **Brasil não adere ao compromisso de 130 países de lutar contra fake news**. UOL Notícias, 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/columnas/jamil-chade/2020/06/16/brasil-nao-adere-ao-compromisso-de-130-paises-contr-fake-news-na-pandemia.htm>> Acesso em: 25 jun. 2020.
- CHEUNG, Heller. **Super Tuesday: Why didn't more young people vote?** *BBC News* [online], 8 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-51763333>> Acesso em: 20 jun. 2020.
- CIRCLE. **The Youth Vote on Super Tuesday**. Tufts University. Massachusetts, 3 Mar. 2020. Disponível em: <<https://circle.tufts.edu/latest-research/super-tuesday-2020>> Acesso em: 25 jun. 2020.
- CÔRBO, Dayo A.S; GONÇALVES, Márcio. **Redes sociais digitais na esfera pública política: exercícios de cidadania**. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Mídia e

cotidiano – UFF. Niterói, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9743>> Acesso em: 15 jun. 2020.

CORRÊA, Ricardo. **Bolsonaro sofre em junho e perde popularidade.** *O Tempo*. 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/ricardo-correa/bolsonaro-sofre-em-junho-e-perde-popularidade-1.2352371>> Acesso em: 24 jun. 2020.

COX, Toby. **How Different Generations Use Social Media.** *The Manifest*, 02 jul. 2019. Disponível em: <<https://themanifest.com/social-media/how-different-generations-use-social-media>> Acesso em: 19 jun. 2020.

DEMARTINI, Felipe. **Twitter muda regras para combater fake news e manipulação política.** *Canal Tech*, 02 out. 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/twitter-muda-regras-para-combater-fake-news-e-manipulacao-politica-123878/>> Acesso em: 26 jun. 2020.

DEVETAK, Richard; *et. al.* **Theories of International Relations.** New York: Palgrave Macmillan, 2005.

DEVITT, James. **Baby Boomers More Likely to Spread Fake News.** *In: Neuroscience News*, 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://neurosciencenews.com/baby-boomer-fake-news-spread-10492/>> Acesso em: 15 jun. 2020.

DICKENS, Charles. **Um conto de duas cidades.** São Paulo: Nova Fronteira, 1982.

ELBAUM, R; BÁRDI, B; STEINECKE, K. **Millennials create own political parties as European Union elections loom.** *NBC News*. London, 30 abril. 2019. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/world/millennial-politicians-battle-europe-s-future-n1000071>> Acesso em: 24 jun. 2020.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do Caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições.** Tradução: Arnaldo Bloch. 1ª ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

FOLHA. **Facebook anuncia novas medidas contra notícias falsas sobre o coronavírus.** *In: Folha (digital)*. 16 abr. 2020. Disponível em: <<https://folha.com/du3btspv>> Acesso em: 25 jun. 2020.

FRANÇA, Kelly. **Ampliação da Comunidade Política: Cosmopolitismo e ética dialógica em Andrew Linklater.** PUC-Rio: 2007.

GALINDO, Cristina. **Cinco pontos para entender a vitória de Boris Johnson nas eleições do Reino Unido.** *El País*. 13 dez. 2019. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2019-12-13/cinco-pontos-para-entender-a-vitoria-de-boris-johnson-nas-eleicoes-do-reino-unido.html>> Acesso em: 23 jun. 2020.

GLOCALITIES. **Flash Report: The disruptive mindset of Millennials around the globe.** Amsterdam: Motivaction International, 2014. Disponível em: <<https://www.motivaction.nl/en/news/publications/glocalities-flash-report-the-disruptive-mindset-of-millennials-around-the-globe>> Acesso em: 05 maio. 2020.

GOMES, Bianca; WAINER, Gabriel. **Número de jovens filiados a partidos políticos cai 44% em 8 anos.** Estadão. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/focas/por-minha-conta/materia/numero-jovens-filiados-partidos-politicos-cai-anos>> Acesso em: 24 jun. 2020.

HABERMAS, J. **Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HALLAL-PECHE, Karim. **Millennials in International Relations: Millennials reach politics, what is coming?** Madrid: Amazon Kindle, 2017.

HARVARD Kennedy School Institute of Politics. **Spring 2019 Harvard IOP Youth Poll Results.** Cambridge, 2019. Disponível em: <<https://iop.harvard.edu/about/newsletter-press-release/spring-2019-harvard-iop-youth-poll-results>> Acesso em: 25 jun. 2020.

HOROVITZ, Bruce. **After Gen X, Millennials, what should next generation be?** *USA Today*, New York, 2012. Disponível em: <<http://usatoday30.usatoday.com/money/advertising/story/2012-05-03/naming-the-next-generation/54737518/1>> Acesso em: 25 jun. 2020.

HOWE, N.; STRAUSS, W. **13th Gen: Abort, Retry, Ignore, Fail?** New York: Vintage Books, 1993.

HUSSAIN, Daniel; WALTERS, Simon. **55% of Tory voters say Dominic Cummings should resign over his 'lockdown breach' journeys - as Boris Johnson's own approval rating plummets from 19% to minus 1% in days.** *Daily Mail*. 27 maio. 2020. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-8359511/Majority-Conservative-supporters-believe-Dominic-Cummings-sacked.html>> Acesso em: 23 jun. 2020.

JONES, Landon Y. **Great Expectations: America & The Baby Boom Generation.** Charleston: BookSurge Publishing, 2008.

KAIDAN, Melanie. **Boris Johnson handling UK coronavirus crisis worse than Trump according to poll.** *Express*. Londres, 9 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.express.co.uk/news/politics/1293211/Boris-Johnson-news-latest-poll-coronavirus-leader-lockdown-end>> Acesso em: 26 jun. 2020.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos.** Coleção Textos Filosóficos. São Paulo: Edições 70; 1996.

LEBLANC, Paul. **Biden x Sanders: conheça as propostas dos candidatos democratas.** *CNN Brasil*. São Paulo, 14 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/03/14/joe-biden-x-bernie-sanders-quais-sao-as-propostas-dos-candidatos-democratas>> Acesso em: 28 jun. 2020.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **A conexão planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência.** Tradução: Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010.

LINKLATER, Andrew. **The Transformation of Political Community: Ethical Foundations of the Post-Westphalian Era.** Columbia: University of South Carolina Press, 1998.

_____. **Beyond Realism and Marxism: Critical Theory and International Relations.** New York: St Martin Press, 1990.

_____. **Critical Theory and World Politics: Citizenship, Sovereignty and Humanity.** New York: Routledge, 2007.

MATOS, Olgária C. F. **Escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo.** São Paulo: Moderna, 1993.

MCCARTHY, Thomas. **The Critical Theory of Jürgen Habermas.** Massachusetts: The MIT Press, 1981.

MCCRINDLE, Mark. **The ABC of XYZ: Understanding the Global Generations.** Sydney: University of New South Wales Press, 2009.

MEDEIROS, Jackson da Silva. **Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política.** *Scielo*, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862013000100003&script=sci_arttext> Acesso em: 18 jun. 2020.

MERELLI, Annalisa. **The state of global right-wing populism in 2019.** *Quartz*. 20 dez. 2019. Disponível em: <<https://qz.com/1774201/the-global-state-of-right-wing-populism-in-2019/>> Acesso em: 25 jun. 2020.

MOORE, James. **Don't blame the boomers, it was gen X that sat by and let the world crumble.** *The Independent*. 16 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/baby-boomers-generation-x-millennials-ok-boomer-politics-a9205466.html>> Acesso em: 25 jun. 2020.

O GLOBO. **Após onda de protestos, aprovação a governo de Donald Trump cai para 39%**. 10 jun. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/apos-onda-de-protestos-aprovacao-governo-de-donald-trump-cai-para-39-24472326>> Acesso em: 25 jun. 2020.

O TEMPO. **Eleição nos EUA: Biden 14 pontos à frente de Trump na disputa à Casa Branca**. 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/mundo/eleicao-nos-eua-biden-14-pontos-a-frente-de-trump-na-disputa-a-casa-branca-1.2352953>> Acesso em: 26 jun. 2020.

OWRAM, Doug. **Born at the Right Time: A History of the Baby Boom Generation**. Toronto: University Of Toronto Press, 1996.

RAINER, T. S.; RAINER, J. W. **The Millennials: Connecting to America's Largest Generation**. Tennessee: B&H Publishing Group, 2011.

ROSER, M; ORTIZ-OSPINA, E. **World Population Growth**. In: *Our World In Data* (Blog), 2017. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/world-population-growth/>> Acesso em: 19 jun. 2020.

SACCHI, Diego. **O ascenso do socialismo millennial**. *Esquerda Diário*, 18 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/O-ascenso-do-socialismo-millennial>> Acesso em: 26 jun. 2020.

SANTOS, Gabriela Soares dos. **O engajamento político na internet**. *Repórter Unesp*. 7 maio. 2018. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2018/05/07/engajamento-politico-millennials/>> Acesso em: 22 jun. 2020.

SILVA, Marco Antônio de Menezes. **Teoria crítica em relações internacionais**. *Contexto int.* [online], vol.27, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-85292005000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 18 jun. 2020.

SPUTNIK NEWS. **Como Bashar Assad, 'ditador' e 'assassino' no Ocidente, tem tanta popularidade na Síria?** *Sputnik* (digital), 20 dez. 2015. Disponível em: <<https://sptnkne.ws/ectu>> Acesso em: 22 jun. 2020.

STATISTA. **Distribution of Facebook users in the United States as of May 2020, by age group**. *Statista*, published by J. Clement. 11 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/187549/facebook-distribution-of-users-age-group-usa/>> Acesso em: 20 jun. 2020.

STRAUSS, W.; HOWE, N. **Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069**. New York: William Morrow & Company, 1991.

_____. **Millennials Rising: The Next Great Generation**. New York: Knopf Doubleday Publishing Group, 2000.

_____. **The Fourth Turning: An American Prophecy.** New York: Broadway Books, 1997.

THE ECONOMIST. **Millennial socialism: A new kind of left-wing doctrine is emerging.**

Londres, 14 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2019/02/14/millennial-socialism>> Acesso em: 28 jun. 2020.

THOMPSON, Derek. **The Liberal Millennial Revolution.** The Atlantic, 2016. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/02/the-liberal-millennial-revolution/470826/>> Acesso em: 18 jun. 2020.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. **Population Division. World Population Prospects 2019.** 2019. Disponível em:

<<https://esa.un.org/unpd/wpp/Download/Standard/Population/>> Acesso em: 12 jun. 2020

VALLESPÍN, Fernando. **Socialismo ‘millennial’ nos EUA.** *El País*. 10 mar. 2019.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/07/opinion/1551972909_806992.html> Acesso em: 27 jun. 2020.

VICENTE, Álex. **Vitória Moral para o “insubmisso” Mélenchon.** *El País*. Paris: 24

abr.2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/23/internacional/1492974005_194685.html> Acesso em: 08 jun. 2020.

WHYTE, Chelsea. **Green New Deal proposal includes free higher education and fair pay.**

New Scientist, 12 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.newscientist.com/article/2193592-green-new-deal-proposal-includes-free-higher-education-and-fair-pay/#ixzz6SEHQIWay>> Acesso em: 26 jun. 2020

WILLIAMS, Zoe. **Keir Starmer’s soft-left approach is the unifying force that Labour**

needs. *The Guardian*. 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jan/21/keir-starmer-soft-left-approach-unifying-labour>> Acesso em: 27 jun. 2020.

WORLD ECONOMIC FORUM. **This graph tells us who's using social media the most.**

WEForum (digital). 02 out. 2019. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2019/10/social-media-use-by-generation/>> Acesso em: 19 jun. 2020.